



1. BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Em 1839, nasceu Joaquim Maria **Machado de Assis** no morro do Livramento, no Rio de Janeiro. Filho de um pintor mulato e de uma lavadeira açoriana, Machado perdeu a mãe muito cedo. Seu pai casou-se novamente e morreu pouco tempo depois, deixando o filho aos cuidados da madrasta. Ainda na infância, vieram a epilepsia e a gagueira, o que fez com que ele se tornasse tímido e reservado.

Por causa de sua situação econômica precária, Machado de Assis não seguiu estudos regulares: tornou-se um autodidata. Aprendeu francês e latim com um padre amigo da família. Depois espanhol, inglês, italiano e alemão. Já na velhice, estudava russo e grego.

Paulo Brito, dono de uma livraria e tipografia de mesmo nome, arranhou-lhe um emprego de auxiliar de tipógrafo na Imprensa Nacional, onde conheceu Manuel Antônio de Almeida, que conseguiu vaga para ele no *Diário do Rio de Janeiro*. Foi tipógrafo, revisor e redator.

Estreou na literatura aos dezesseis anos, com o poema “Ela”, publicado na revista *Marmota fluminense*. Aos trinta anos já era respeitado pelos colegas e tinha seu grupo de leitores. A situação econômica era bem melhor. Casou-se com a portuguesa Carolina Xavier de Novaes.

Memórias póstumas de Brás Cubas, romance publicado em 1881, não foi apenas um marco em sua carreira, mas a obra iniciadora do Realismo no Brasil.

Antes disso, Machado de Assis já publicara outras obras, mais afeitas ao padrão romântico. Depois das *Memórias*, vieram outras, como *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, que o consagraram como o maior prosador brasileiro.

A morte de Carolina, em 1904, deixou Machado de Assis solitário. No dia 29 de setembro de 1908, na casa da rua Cosme Velho, faleceu Machado de Assis. Seu corpo foi velado na Academia Brasileira de Letras, a mesma que ajudou a fundar em 1897, e da qual se tornou o primeiro presidente.

OBRAS

Romances: *Ressurreição* (1872); *A mão e a luva* (1874); *Helena* (1876); *Iaiá Garcia* (1878); *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891); *Dom Casmurro* (1899); *Esau e Jacó* (1904); *Memorial de Aires* (1908).

Contos: *Contos fluminenses* (1869); *Histórias da meia-noite* (1873); *Papéis avulsos* (1882); *Histórias sem data* (1884); *Várias histórias* (1896); *Páginas recolhidas* (1899); *Relíquias da casa velha* (1906).

2. INTRODUÇÃO

Dom Casmurro foi lançado em 1900, embora a data de edição seja do ano anterior. A obra continua a trajetória de renovação iniciada com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*. O emprego de capítulos curtos, da ironia e de técnicas narrativas renovadoras, como as digressões, a metalinguagem, as intertextualidades e o discurso dirigido ao leitor, mantém-se também nesse romance.

Em *Dom Casmurro*, a narrativa exerce a função de uma pseudo-autobiografia do protagonista, Bentinho (Bento Santiago). A memória servirá de vínculo entre a narrativa e a suposta verdade dos fatos que ocorreram na vida do protagonista, mas que a distância entre o passado e o presente teima algumas vezes em embaçar para o narrador. Esse resgate pela memória a partir do presente (*flash-back*) é falho, já que o tempo se incumbe de distanciar os fatos do momento da escrita. Por isso, a escrita não poderia mesmo seguir um tom melancólico e amargo.

Esse processo de escrita revela a intenção do narrador de atribuir ao leitor o papel de explicar a maior angústia de Bentinho: teria sido mesmo traído pela esposa com seu melhor amigo, Escobar, ou não? Ao final da história, percebe-se que o leitor carrega a mesma dúvida de Bentinho, porque não consegue provar a culpa ou a inocência de Capitu. Essa dúvida persiste porque o narrador tanto revela indícios da ocorrência do adultério quanto da inocência da espo-

sa. De todo modo, entretanto, Bentinho procura, por meio de sua narrativa, convencer o leitor da culpa de Capitu, o que terminaria por justificar sua decisão de abandonar mulher e filho na Suíça, evitando, com isso, a presença deles e, ao mesmo tempo, salvaguardando-se de eventuais juízos da sociedade.

3. ANÁLISE DA OBRA

DO TÍTULO

Bento Santiago volta num trem da Central para o Engenho Novo, quando encontra um rapaz das vizinhanças, que acaba recitando alguns versos. Bento fecha os olhos três ou quatro vezes, por causa do cansaço. O rapaz guarda os versos e, no dia seguinte, diz dele nomes feios e dá-lhe o apelido de Dom Casmurro¹. Os vizinhos, que já não gostavam de seus hábitos reclusos e calados, espalham o apelido. Os amigos também passam a chamá-lo Dom Casmurro.

DO LIVRO

Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro. Antes disso, porém, digamos os motivos que me põem a pena na mão.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1981. p. 11.

Bento Santiago vive na companhia de um criado, numa casa no Engenho Novo, que mandou construir para reproduzir a casa em que se criou na antiga rua de Matacavalos.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falto eu mesmo, e esta lacuna é tudo.²

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 12.

Bento Santiago gasta seu tempo na horta, no jardim e em leituras. Come bem e dorme mal. Resolve escrever o livro para variar da monotonia de sua vida. Inicialmente, pensa em escrever a *História dos subúrbios*, mas como a elaboração exigisse documentos e datas, decide-se por reconstituir os tempos idos e vividos.

¹ Calado, metido consigo, ensimesmado.

² O narrador deixa claro que a construção da casa foi uma tentativa de retomada do passado, unindo a velhice à adolescência, mas a tentativa foi frustrada, porque não conseguiu reconstituir o passado nem a si mesmo.

³ Nesse último período, aparece uma tentativa que se repetirá no decorrer de toda a narrativa e que é marca característica de Machado, ao menos nos textos realistas: o narrador procura estabelecer proximidade com o leitor. É o recurso chamado de leitor incluso ou inclusão do leitor.

Fiquei tão alegre com esta idéia, que ainda agora me treme a pena na mão. [...] Deste modo, viverei o que vivi, e assentarei a mão para alguma obra de maior tomo. Eia, comecemos a evocação por uma célebre tarde de novembro, que nunca me esqueceu. Tive outras muitas, melhores, e piores, mas aquela nunca se me apagou do espírito. É o que vais entender, lendo³.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 13.

A DENÚNCIA

Bentinho ouviu seu nome ao entrar na sala de visitas, escondeu-se atrás da porta. José Dias, agregado em casa de dona Glória, sugere que ela não adie mais a ida de Bentinho para o seminário, porque pode haver uma dificuldade. Diante da insistência da mãe do menino, conta que Bentinho anda pelos cantos com a filha do vizinho Pádua. Dona Glória jamais desconfiara da amizade entre Bentinho e Capitu. Fizera uma promessa de colocar o filho no seminário, mas adiava seu cumprimento para deixar o menino o maior tempo possível perto de si. Tio Cosme pergunta se há necessidade de fazer o menino padre. Prima Justina não chega a opinar. Dona Glória sai chorando.

UM DEVER AMARÍSSIMO

José Dias ama os superlativos. “Era um modo de dar feição monumental às idéias; não as havendo, servir a prolongar as frases.” Veste-se de modo antiquado para a moda da época. Tem 55 anos.

O AGREGADO

José Dias é agregado da casa há muitos anos. Desde o tempo em que o pai de Bentinho era vivo e morava na antiga fazenda de Itaguaí. Bentinho acabara de nascer. José Dias apareceu dizendo-se médico homeopata. Curou o feitor e uma escrava, não querendo receber pelo serviço. O pai de Bentinho “propôs-lhe ficar ali vivendo, com um pequeno ordenado. José Dias recusou, dizendo que era justo levar a saúde à casa de sapé do pobre.” José Dias voltou dali a duas semanas. Aceitou casa e comida, mas recusou o salário. Um dia, confessou que não era médico.

Teve um pequeno legado no testamento, uma apólice e quatro palavras de louvor. Copiou as palavras, encaixilhou-as e pendurou-as no quarto, por cima da cama. “Esta é a melhor apólice”, dizia ele muita vez. Com o tempo, adquiriu certa autoridade na família, certa audiência, ao menos; não abusava, e sabia opinar obedecendo. Ao

cabo, era amigo, não direi ótimo, mas nem tudo é ótimo neste mundo. E não lhe suponhas alma subalterna; as cortesias que fizesse vinham antes do cálculo que da índole. A roupa durava-lhe muito; ao contrário das pessoas que enxovalham depressa o vestido novo, ele trazia o velho escovado e liso, cerzido, abotoado, de uma elegância pobre e modesta. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor e do frio, dos pólos e de Robespierre. Contava muita vez uma viagem que fizera à Europa, e confessava que a não sermos nós, já teria voltado para lá; tinha amigos em Lisboa, mas a nossa família, dizia ele, abaixo de Deus, era tudo.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 16.



A figura do agregado tem participação importante na vida da família de Bentinho. José Dias torna-se pessoa da família, a ponto de ser ouvido em todos os assuntos da casa. A descrição de José Dias indica que ele é um indivíduo à antiga e cujos valores não se adaptam às novidades, ao contrário de Tio Cosme, que, apesar de mais velho que o agregado, defende idéias menos conservadoras.

TIO COSME

Tio Cosme passa a viver com a irmã depois que dona Glória fica viúva. Também é viúvo. O mesmo ocorre com prima Justina. “[...] era a casa dos três viúvos.” Tio Cosme é advogado, mas não enriquecia no foro. “Era gordo e pesado, tinha a respiração curta e os olhos dorminhocos.” Anda a cavalo todas as manhãs. Quando Bentinho tinha nove anos, tio Cosme tentou ensinar o garoto a montar, mas Bentinho entrou a gritar desesperado. Dona Glória achou que o estavam matando.

D. GLÓRIA

Dona Glória contava trinta e um anos de idade quando perdeu o marido. Poderia voltar para Itaguaí, mas não quis, “preferiu ficar perto da igreja em que meu pai fora sepultado”. Em 1857, aos quarenta e dois anos, ainda é bonita e moça. Esconde sua juventude metida num vestido escuro, sem adornos e um xale preto. Bentinho ainda mantém o retrato dos pais na parede e admira o rosto de felicidade de ambos:... “se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comprado de sociedade”.⁴

⁴ Essa conclusão serve de prenúncio da infelicidade do narrador com o casamento.

⁵ O narrador constrói um capítulo metalingüístico para introduzir a teoria da vida como uma ópera, que representa uma alegoria dos conflitos humanos.

⁶ Presença do leitor incluso.

⁷ Dando prosseguimento à teoria do velho Marcolino, Bento Santiago refere-se a trechos de ópera, cantados por duas, três ou quatro pessoas. O narrador sugere os relacionamentos amorosos que surgirão, segundo sua visão, no decorrer da obra. Primeiro, ele e Capitu; depois, ele, Capitu e Escobar; no final, ele, Capitu, Escobar e Ezequiel.

É TEMPO

Bento Santiago retoma a tarde de novembro quando ouviu a conversa entre José Dias e a mãe para dizer que foi o princípio de sua vida, já que o que aconteceu antes:

[...] foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparo das rabeças, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera. “A vida é uma ópera”, dizia-me um velho tenor italiano que aqui viveu e morreu... E explicou-me um dia a definição, em tal maneira que me fez crer nela. Talvez valha a pena dá-la; é só um capítulo.⁵

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 19.

A ÓPERA

O velho tenor Marcolini já estava sem voz, mas insistia em dizer que a tinha. Costuma repetir para o narrador que a vida é uma ópera, na qual Deus é o poeta e Satanás é o músico que levou o libreto para o inferno consigo, depois de ter sido expulso do conservatório do céu. Deus abriu mão por entender que tal gênero de recreio era impróprio da sua eternidade.

Deus, cansado e cheio de misericórdia, consentiu em que a ópera fosse executada, mas fora do céu. Criou um teatro especial, este planeta, e inventou uma companhia inteira, com todas as partes, primárias e comprimárias, coros e bailarinos.

— Não, não quero saber de ensaios. Basta-me haver composto o libreto; estou pronto a dividir contigo os direitos de autor.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 20.

O fato de Deus não ter permitido os ensaios explicaria alguns desconcertos.

— Esta peça, conclui o velho tenor, durará enquanto durar o teatro, não se podendo calcular em que tempo será ele demolido por utilidade astronômica. O êxito é crescente. Poeta e músico recebem pontualmente os seus direitos autorais, que não são os mesmos, porque a regra da divisão é aquilo da Escritura: “Muitos são os chamados, poucos os escolhidos”. Deus recebe em ouro, Satanás em papel.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 21.

ACEITO A TEORIA

Eu, leitor amigo⁶, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Cantei um *duo terníssimo*, depois um *trio*, depois um *quatuor*⁷... Mas não adiantemos; vamos à primeira parte,

em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 21-22.

A PROMESSA

Bentinho sai correndo em direção à casa de Capitu: dona Glória perdera o primeiro filho e fizera a promessa de que, se o segundo filho fosse varão e vingasse, meteria o menino na Igreja. A morte do marido obriga a devota mulher a adiar ao máximo a ida de Bentinho para o seminário. Entretanto, desde muito cedo acostumou o menino com a vida eclesiástica por meio de livros devotos e imagens de santos. Levava Bentinho à missa e dizia que era para que ele aprendesse a ser padre.

Ultimamente não me falavam já do seminário, a tal ponto que eu supunha ser negócio findo. Quinze anos, não havendo vocação, pediam antes o seminário do mundo que o de S. José. Minha mãe ficava muita vez a olhar para mim, como alma perdida, ou pegava-me na mão, a pretexto de nada, para apertá-la muito.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 22.

NA VARANDA

Bentinho, porque estava atordoado e com o coração aos saltos, hesita antes de ir para o quintal da casa de Capitu. Pensa nas palavras de José Dias.

Um coqueiro, vendo-me inquieto e adivinhando a causa, murmurou de cima de si⁸ que não era feio que os meninos de quinze anos andassem nos cantos com as meninas de quatorze; ao contrário, os adolescentes daquela idade não tinham outro ofício, nem os cantos outra utilidade. Era um coqueiro velho, e eu cria nos coqueiros velhos, mais ainda que nos velhos livros.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 23.

Bentinho descobre que ama Capitu. Recorda as conversas, os elogios mútuos.⁹

Pois, francamente, só agora entendia a emoção que me davam essas e outras confidências. A emoção era doce e nova, mas a causa dela fugia-me, sem que eu a buscasse nem suspeitasse. [...] Eu amava Capitu! Capitu amava-me!

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 24.

CAPITU

Bentinho ouve a mãe de Capitu chamar pela filha e corre para o quintal vizinho. Encontra Capitu com

um prego riscando o muro, onde a menina se encosta, como se tivesse algo a esconder. Capitu estranha a fisionomia de Bentinho e quer saber se ele tem alguma coisa. Bentinho tenta ler o que Capitu escreveu no muro, mas é impedido.

INSCRIÇÃO

Tudo o que contei no fim do outro capítulo foi obra de um instante. O que se lhe seguiu foi ainda mais rápido. Dei um pulo, e antes que ela raspasse o muro, li estes dois nomes, abertos ao prego, e assim dispostos:

Bento

Capitolina

Voltei-me para ela; Capitu tinha os olhos no chão. Ergueu-os logo, devagar, e ficamos a olhar um para o outro... Confissão de crianças, tu valias bem duas ou três páginas, mas quero ser poupado. Em verdade, não falamos nada; o muro falou por nós.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 26

Bentinho e Capitu acabaram dando-se as mãos e fitando-se nos olhos por um longo tempo.

Padre futuro, estava assim diante dela como de um altar, sendo uma das faces a Epístola e a outra o Evangelho. A boca podia ser o cálice, os lábios a patena¹⁰. Faltava dizer a missa nova, por um latim que ninguém aprende, e é a língua católica dos homens. Não me tenhas por sacrílego, leitora minha devota; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial¹¹ no estilo. Estávamos ali com o céu em nós.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 26.

OUTRA VOZ REPENTINA

Bentinho e Capitu são interrompidos por Pádua, pai de Capitu, que pergunta se estão jogando o siso¹². Os dois, que estavam de mãos dadas, soltam as mãos atrapalhados. Capitu apaga disfarçadamente os nomes escritos no muro. O pai pede que não estrague o muro e repete a pergunta. Capitu confirma que estavam jogando o siso, mas Bentinho ria logo. Pádua disse que ao entrar Bentinho não ria. Capitu afirma que tinha rido das outras vezes. Bentinho está sob o efeito do susto e não é capaz de rir. Pádua pergunta a Bentinho se já tinha visto o gaturamo¹³ dele, mas Bentinho não se interessa porque deseja ir atrás de Capitu.

O ADMINISTRADOR INTERINO

“Pádua era empregado em repartição dependente do ministério da guerra”, onde não ganhava muito.

⁸ Fig.: Prosopopéia ou personificação. O uso dessa figura enriquece o texto, quanto mais não era usual à época. São nuances do realismo fantástico, constante em Machado de Assis.

⁹ É interessante notar que até então Bentinho não possuía qualquer consciência de seus sentimentos por Capitu. A conversa de José Dias desperta-o para o amor. Até aí tudo não passava de inocência infantil.

¹⁰ Pequeno prato utilizado para cobrir o cálice e receber a hóstia.

¹¹ Empregado no sentido de sacro, puro, imaculado.

¹² Brincadeira de criança em que duas pessoas olham-se fixamente. Aquele que ri primeiro perde o jogo.

¹³ Espécie de pássaro.

Não tinha muito juízo. Comprou a casa onde vive com o prêmio de meio bilhete de loteria, mas só depois da insistência da mulher, dona Fortunata, e dos conselhos de dona Glória, que lhe salvara a vida em certa ocasião.

Pádua substituíra, com os respectivos honorários, o administrador da repartição em que trabalhava para que este fosse ao Norte em comissão.

Esta mudança de fortuna trouxe-lhe certa vertigem; era antes dos dez contos. Não se contentou de reformar a roupa e a copa, atirou-se a despesas supérfluas, deu jóias à mulher, nos dias de festa matava um leitão, era visto em teatros, chegou aos sapatos de verniz. Viveu assim vinte e dois meses na suposição de uma eterna interinidade.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 28.

A volta do administrador levou Pádua ao desespero. Ele procurou dona Glória para que velasse pelas infelizes que deixava, pois matava-se. Não podia sofrer desgraça. Dona Glória falou-lhe com bondade, mas não conseguiu convencê-lo.

Um dia, dona Fortunata correu para chamar dona Glória para que ela impedisse o marido de se matar. Foi encontrado já na beira do poço. As palavras da bondosa senhora impediram Pádua do gesto. Depois de alguns dias triste, Pádua passou a falar da administração interina com certa vaidade e orgulho.

OS VERMES

Ele fere e cura! Quando, mais tarde, vim a saber que a lança de Aquiles¹⁴ também curou uma ferida que fez, tive tais ou quais veleidades de escrever uma dissertação a este propósito. Cheguei a pegar em livros velhos, livros mortos, livros enterrados, abri-los, a compará-los, catando o texto e sentido, para achar a origem comum do oráculo pagão do pensamento israelita. Catei os vermes dos livros, para que dissessem o que havia nos textos roídos por eles.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 29-30.

Mas os vermes não sabiam nada, apenas roíam.¹⁵

UM PLANO

Bentinho conta a Capitu o plano da mãe de colocá-lo no seminário. Capitu fica silenciosa um tempo, mas depois rompe com palavras furiosas: “Beata! Carola! papa-missas!”. Bentinho fica aturdido, porque Capitu gostava muito de sua mãe.

Depois de se acalmar, Capitu começa a preparar um plano para evitar a ida de Bentinho para o seminário. Sugere que Bentinho conquiste José Dias para que este o defenda diante de dona Glória. Bentinho

confiará a José Dias a sua falta de vocação para o sacerdócio e seu desejo de estudar Direito em São Paulo.



Merece destaque, neste capítulo, a atitude reflexiva de Capitu, após o ataque de fúria. Reflete e revê o comentário que havia feito sobre dona Glória. O narrador dá-nos a impressão de que Capitu é calculista, tamanha a minúcia com que orienta Bentinho a convencer José Dias, mostrando que, apesar da pouca idade, tinha idéias atrevidas, idéias estas menos atrevidas do que outras, que vieram depois. Há, ainda, um outro ponto importante que é a cantiga entoada pelo escravo que vende cocadas que diz: “Chora, menina, chora, / Chora, porque não tem vintém”. Muito sutilmente, como em outras passagens, o narrador deixa a idéia de que Capitu deseja casar com Bentinho por interesse.

No capítulo 110, Bentinho relembra a cantiga a Capitu, que dela não se recorda mais, como se já houvesse mesmo conquistado o que queria.

SEM FALTA

Bentinho pensa em como falar ao agregado.

MIL PADRE-NOSSOS E MIL AVE-MARIAS

Bentinho promete rezar mil padre-nossos e mil ave-marias, se José Dias arranjar para que não vá para o seminário. Bentinho já está carregado de promessas não cumpridas.

PRIMA JUSTINA

Bentinho encontra prima Justina na varanda. Prima Justina conta que José Dias ficava insistindo com dona Glória que Bentinho deveria ir para o seminário. Bentinho procura fazê-la contar as palavras do agregado daquela tarde, mas ela silencia sobre o assunto. Não gosta de José Dias (são poucas as pessoas com quem prima Justina simpatiza) e é contra a entrada de Bentinho no seminário, se ele não tiver vocação para tal, mas sente-se incapaz de pedir a dona Glória para não enviar o menino para lá.

SENSAÇÕES ALHEIAS

Para evitar que Bentinho entre, prima Justina passa a falar da próxima festa da Conceição e dos velhos oratórios de Bentinho e de Capitu. Elogia os modos da menina, a gravidade, os costumes, o amor que tem por dona Glória. Bentinho também elogia a menina

¹⁴ Personagem da *Ilíada*, de Homero, um dos heróis na vitória dos gregos contra Tróia.

¹⁵ O capítulo é uma metáfora para o comportamento de Pádua, cujo mal é curado pelo próprio mal. Também como os vermes, Pádua age sem saber exatamente por quê. A ironia resulta da tentativa de comparação entre o oráculo pagão e pensamento judaico, mas os vermes dos livros não ajudaram Bentinho a desvendar sua busca, porque nada sabiam.

com palavras e gestos de assentimento e estranha o olhar que prima Justina dirige a ele.

Bentinho procura uma justificativa para explicar o comportamento de prima Justina e conclui: “Creio que prima Justina achou no espetáculo das sensações alheias uma ressurreição vaga das próprias. Também se goza por influência dos lábios que narram”.

PRAZO DADO

“Preciso falar-lhe amanhã, sem falta; escolha o lugar e diga-me.” Dessa forma imperativa, Bentinho comunica a José Dias sua necessidade de falar-lhe. O encontro ocorre no Passeio Público.

DE MÃE E DE SERVO

José Dias tratava Bentinho com cuidados extremos de mãe e atenções de servo. Dispensara o pajem e, tomando seu lugar, ia com o menino à rua. Cuidava dos objetos pessoais e dos livros de Bentinho. José Dias estava sempre a elogiar os progressos do menino nos estudos. Bentinho gostava dos elogios.¹⁶

NO PASSEIO PÚBLICO

José Dias recrimina Bentinho por ter andado em companhia do Pádua. “A gente de Pádua não é de todo má. Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada.”¹⁷ Elogia dona Fortunata. Afirma que o Pádua é honesto, mas anda em más companhias.

Bentinho interrompe o agregado para dizer que Pádua elogiara José Dias para um sujeito na sua frente. Bentinho termina dizendo que não podia ser padre e conta com ele para salvá-lo. José Dias não sabe o que fazer. Bentinho afirma que não é tarde se ele quiser. Não é por vadiagem, pois está pronto para estudar leis em São Paulo.

AS LEIS SÃO BELAS

José Dias acha que é tarde, mas provará a Bentinho a sua boa vontade. Resolve que falará com dona Glória. Sugere que as leis são belas e que Bentinho poderá ir para São Paulo, Pernambuco ou para mais longe. Bentinho pode contar com ele. Chega a sugerir que o menino vá para alguma universidade estrangeira e que, juntos, verão terras estrangeiras, ouvirão

várias línguas. José Dias imagina-se com Bentinho, cuidando de seus negócios, retornando à Europa. Termina dizendo: “Estamos a bordo, Bentinho, estamos a bordo”.

AO PORTÃO

No portão do Passeio, Bentinho dá dois vinténs a um mendigo e pede que reze a Deus por ele para que possa satisfazer todos os seus desejos. Acrescenta que se chama Bento.

NA RUA

José Dias torna-se mais dobradiço e inquieto, mexe-se todo e fala de tudo, mais pausado e com superlativos. Bentinho fica com receio de que ele tenha mudado de opinião. “Afinal, o homem teso rendeu o flexível, e passou a falar pausado, com superlativos.” Para evitar a mudança, Bentinho passa a tratá-lo com palavras e gestos carinhosos, até entrarem no ônibus.

O IMPERADOR

Bentinho vê passar o imperador, que vem da Escola de Medicina. Todos os veículos param. Os passageiros descem à rua e tiram o chapéu até o coche imperial passar. Bentinho imagina o próprio imperador a pedir a sua mãe para mandá-lo estudar medicina.

Consolei-me por instantes, digamos minutos, até destruir-se o plano e voltar-me para as caras sem sonhos dos meus companheiros.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 42.

O SANTÍSSIMO

Bentinho não quer sair do Rio, por isso pensa em medicina. Conformer-se-ia com a idéia de ir para São Paulo, mas a Europa é longe demais. “Viva a medicina! Iria contar estas esperanças a Capitu.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.*, p. 42.)

Ainda na volta de ônibus, Bentinho e José Dias vêm sair o Santíssimo. Os passageiros fazem o ônibus parar. José Dias e Bentinho também descem, pois José Dias resolve que devem acompanhar a procissão. O sacristão começa a distribuir as opas¹⁸. Pádua entra na sacristia esbaforido. Cumprimenta José Dias e Bentinho. O primeiro faz um gesto aborrecido e responde com uma palavra seca. Pádua pede ao sacristão uma das varas do pátio¹⁹. José Dias faz o mes-

¹⁶ O agregado, como sugere o título, protege Bentinho de todas as formas, demonstrando com o pupilo um carinho quase materno.

¹⁷ Essa referência aos olhos de Capitu ficará gravada em Bentinho, sendo utilizada pelo narrador, ao longo de todo o texto, como um indício da falsidade de seu comportamento para comprovar o adultério.

¹⁸ Tipo de capa utilizado em atos religiosos solenes.

¹⁹ Esteira de varas utilizada para o transporte de imagens sacras nas procissões.

mo e recebe a única vara disponível. Pádua reclama, mas José Dias chegara primeiro. O sacristão consegue uma segunda vara para conciliar a rivalidade, mas José Dias pede-a para Bentinho, jovem seminarista, “a quem esta distinção cabia mais diretamente”. Pádua acaba cedendo e conforma-se em portar uma simples tocha. Segue humilhado a procissão do Santíssimo.

AS CURIOSIDADES DE CAPITU

Bentinho coloca Capitu a par de sua conversa com José Dias e aproveita para contar também o sonho imperial. Capitu acha que ele deve deixar o imperador sossegado. Quer saber detalhes da conversa com José Dias.

[...] Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. Se ainda o não disse, aí fica. Se disse, fica também. Há conceitos que se devem inculcar na alma do leitor, à força da repetição.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 44.

Capitu é curiosa. Suas curiosidades dão um capítulo. Aprende a fazer renda com prima Justina. O padre Cabral não quis ensinar-lhe latim porque não é para meninas. Capitu também quis aprender inglês com um velho professor amigo do Pádua. Com tio Cosme, aprende gamão. Faz perguntas sobre qualquer assunto.

Tudo era matéria às curiosidades de Capitu, mobílias antigas, alfaías velhas, costumes, notícias de Itaguaí, a infância e a mocidade de minha mãe, um dito daqui, uma lembrança dali, um adágio dacolá [...]

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 45.

Bentinho destaca, neste capítulo, ingenuamente, o fato de os olhos de Capitu brilhar quando ela sabe, por José Dias, dos presentes (pérolas) que César era capaz de dar a uma mulher. Novamente, fica indiciada certa ambição como componente da personalidade de Capitu, o que corrobora para que Bentinho ache, mais tarde, que ela tenha se casado com ele por interesse.

OLHOS DE RESSACA

Bentinho vai ver Capitu. Dona Fortunata diz que ela está na sala penteando os cabelos e sugere que Bentinho vá devagar para pregar-lhe um susto. Bentinho é traído pelo pé ou pelo espelho. Capitu quer saber se José Dias havia falado a dona Glória. Bentinho diz que não, mas que o agregado falaria naquele ou no outro dia. Capitu pede para Bentinho insistir

com José Dias. Bentinho jura que o fará.

Bentinho lembra-se da definição do agregado sobre os olhos de Capitu, que se deixa fitar e examinar. Capitu quer, entretanto, saber o que é, e se nunca os havia visto. Bentinho percebe que ela tem olhos de ressaca, pois pareciam arrastá-lo para dentro.

Retórica²⁰ dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca²¹? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. [...]

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 46.

Bentinho agarra-se aos cabelos de Capitu e diz ser capaz de penteá-los, se ela quisesse.

Esse capítulo introduz dois momentos da narrativa. Primeiro, retoma a definição que José Dias fez dos olhos de Capitu: Bentinho passa a deter-se mais nos olhos dela e, aparentemente, vigia os olhares da amada, estabelecendo, de uma vez por todas, a metáfora dos olhos de ressaca. Segundo, prepara o capítulo 123, “Olhos de ressaca”, cuja função na trama é fundamental. Os ciúmes mais intensos de Bentinho são despertados a partir dos olhos de Capitu.

O PENTEADO

Bentinho começa a pentear os cabelos de Capitu, pedindo que ela se sente, pois é melhor. Capitu senta-se. Bentinho divide o cabelo em duas tranças. Penteia os cabelos bem devagar, aproveitando cada momento e desejando que não acabe nunca. Terminado o trabalho, procura a fita para atar-lhes as pontas e não deixa de notar que estas já estão rotas. Capitu, em vez de mirar-se no espelho, joga a cabeça para trás, sendo acudida com as mãos por Bentinho, que se inclina sobre o seu rosto. Capitu abre os lábios, enquanto Bentinho abaixa os seus. Os dois beijam-se.

Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam vi que Capitu tinha os seus no chão. Não me atrevi a dizer nada; ainda que quisesse, faltava-me língua. [...]

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 48.

²⁰ A arte da eloquência, a arte de bem argumentar; arte da palavra.

²¹ Forte movimento das ondas sobre si mesmas, resultante de mar muito agitado, quando se chocam contra obstáculos no litoral; a vaga que se forma nesse movimento.



O primeiro beijo dos dois enamorados já reflete a diferença de comportamento entre eles. Capitu praticamente força o beijo, demonstrando sua determinação e maturidade. Bentinho deixa-se levar e termina transtornado com o beijo.



O título sugere a lacuna entre o desejo e a ação. As pernas e os braços do protagonista parecem não obedecer aos seus anseios.

SOU HOMEM

Os passos de dona Fortunata no corredor obrigam Capitu a recompor-se depressa.

[...] tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo²² amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo e claro, que ela explicou por estas palavras alegres:

— Mamãe, olhe como este senhor cabeleireiro me penteou; pediu-me para acabar o penteado, e fez isto. Veja que tranças!

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 48.

Bentinho ficou calado, encostado à parede, sem conseguir disfarçar sua emoção. Acabou despedindo-se e indo para sua lição de latim com o padre Cabral. No quarto, Bentinho, sem querer, sem pensar, acaba dizendo com orgulho: “Sou homem!”. Depois repetiu a expressão mais duas vezes.



A incapacidade de dissimulação de Bentinho diante do inesperado é notória. Capitu consegue contornar as circunstâncias adversas, o que comprovaria a definição de José Dias a respeito das dissimulações da menina ou de sua precoce maturidade e autocontrole.

O PROTONOTÁRIO APOSTÓLICO

Bentinho não tem aula de latim, porque o padre Cabral foi nomeado protonotário apostólico²³. Chega a sentir-se irritado porque o padre diz que ele, Bentinho, também poderia ser protonotário um dia e pergunta a dona Glória quando o menino seguirá para o seminário. Prontifica-se mesmo a conversar com o bispo.

IDÉIA SEM PERNAS E IDÉIA SEM BRAÇOS

Bentinho, a pretexto de brincar, foge da conversa sobre o seu futuro de padre. Vai para a casa de Capitu, mas suas pernas não querem correr nem andar. Encontra Capitu sentada na mesma sala cosendo em paz. Bentinho pensa em puxar a menina e beijá-la, mas seus braços não obedecem, ficam caídos e mortos. Capitu, entretanto, mantém-se retraída.

A ALMA É CHEIA DE MISTÉRIOS

Bentinho abraça Capitu, que procura afastar-se, mas depois, como não tem mais como recuar, procura escapar do beijo de Bentinho com movimentos de cabeça para o lado contrário ao rosto do rapaz.

A chegada do Pádua e seu pedido para que a mulher abra a porta do corredor, entretanto, transformam o comportamento de Capitu:

Ouvimos o ferrolho da porta que dava para o corredor interno; era a mãe que abria. Eu, uma vez que confesso tudo, digo aqui que não tive tempo de soltar as mãos da minha amiga; pensei nisso, cheguei a tentá-lo, mas Capitu, antes que o pai acabasse de entrar, fez um gesto inesperado, pousou a boca na minha boca, e deu de vontade o que estava a recusar à força. Repito, a alma é cheia de mistérios.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 53.

QUE SUSTO, MEU DEUS!

Capitu dissimula seu comportamento na presença do pai. Finge apanhar a costura abandonada e pergunta o que é protonotário apostólico, de costas para Bentinho²⁴, que fica com inveja da facilidade com que Capitu alega assustar-se com a entrada do pai e vai logo falar-lhe. Capitu anuncia à mãe que deve servir o jantar porque o pai chegou.

A VOCAÇÃO

Capitu decide que deve ir à casa de Bentinho para cumprimentar padre Cabral, que recebe os cumprimentos e as palavras de Capitu com prazer. Pergunta-lhe se os pais estão bons. José Dias aproveita para elogiar o protonotário e é ironizado por tio Cosme. O agregado introduz o assunto da vocação:

— A vocação é tudo. O estado eclesiástico é perfeíssimo, contanto que o sacerdote venha já destinado do berço. Não havendo vocação, falo de vocação sincera e real, um jovem pode muito bem estudar as letras humanas, que também são úteis e honradas.

Padre Cabral retorquia:

— A vocação é muito, mas o poder de Deus é soberano. Um homem pode não ter gosto à igreja e até persegui-la, e um dia a voz de Deus lhe fala, e ele sai apóstolo; veja S. Paulo.

²² Mancha, nódoa.

²³ Dignatário da Cúria Romana, que recebe e expede os atos dos consistórios (assembléias de cardeais presidida pelo papa).

²⁴ O comportamento de Capitu, contado muitos anos depois pelo narrador, parece denunciar o caráter dissimulado da menina e a facilidade com que se molda às diversas situações sem se atrapalhar. Bentinho, ao contrário, demonstra sua incapacidade de simular tranqüilidade, chegando até mesmo, pela segunda vez, a atrapalhar o domínio que Capitu tem da situação.

— Não contesto, mas o que eu digo é outra cousa. O que eu digo é que se pode muito bem servir a Deus sem ser padre cá fora; pode-se ou não se pode?

— Pode-se.

— Pois então? exclamou José Dias triunfalmente, olhando em volta de si. Sem vocação é que não há bom padre, e em qualquer profissão liberal se serve a Deus, como todos devemos.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 54-55.

Todos ficam sabendo pelo padre Cabral que se pode entrar no seminário sem sair de lá padre.

Capitu, que não deixa dona Glória desde o momento em que beijou sua mão, despede-se. Dona Glória manda Bentinho acompanhá-la, mas a menina alega que não é necessário e vai-se sozinha. Bentinho tenta segui-la, mas Capitu faz sinal para que volte, assim que chegam ao corredor. Capitu é cuidadosa e não quer que as suspeitas sobre o namoro dos dois seja confirmada.

UMA ÉGUA

O narrador confessa que a imaginação foi a companheira de toda a sua existência. Termina comparando sua imaginação a uma grande égua ibera:

[...] a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre; mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos.²⁵

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 56.

Bentinho resolve confessar à mãe a falta de vocação e o namoro com Capitu.

A AUDIÊNCIA SECRETA

Bentinho, sem coragem de confessar à sua mãe sua falta de vocação, pergunta a ela quando irá para o seminário. Dona Glória diz que só no ano seguinte, depois das férias. Dona Glória e Bentinho enxugam as lágrimas. Ela afirma que ele se acostumará e acabará gostando de viver no seminário. Bentinho diz que só gosta da mãe e tenta fazê-la crer que é sua única afeição, para retirar de Capitu qualquer suspeita. Dona Glória repreende-o, mas com suavidade, quando ele toca no assunto da vocação. Bentinho pergunta:

— E se a mamãe pedisse a Deus que a dispensasse da promessa?

— Não, não peça. Estás tonto, Bentinho? E como havia de saber que Deus me dispensava?

— Talvez em sonho; eu sonho às vezes com anjos e santos...

— Também eu, meu filho; mas é inútil... Vamos, é tarde; vamos para a sala.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 58.

CAPITU REFLETINDO

Bentinho encontra-se com Capitu no dia seguinte. A menina não passa bem por causa do que ouviu na casa de dona Glória. Bentinho conta-lhe a conversa com a mãe: “[...] dentro de dois ou três meses iria para o seminário”. Quando termina, Capitu “respirava a custo, como se estivesse prestes a estalar de cólera, mas conteve-se”.

O narrador não sabe precisar se Capitu chorou ou apenas enxugou os olhos.

Bentinho pegou suas mãos. Caíram no canapé²⁶.

Capitu ouvia-me com atenção sôfrega, depois sombria; quando acabei, respirava a custo, como prestes a estalar de cólera, mas conteve-se.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 58.

Capitu olhava para o chão sem se mexer. “Capitu refletia, refletia, refletia...”²⁷

VOCÊ TEM MEDO?

Capitu sai da reflexão e pergunta se Bentinho tem medo. Bentinho quer saber a que medo ela se refere. Capitu sugere medo de apanhar, de ser preso, de brigar, de andar, de trabalhar. Ele não consegue entender quem lhe dará pancada ou o prenderá; ela faz um gesto de impaciência e fica com seus olhos de ressaca sem se mexerem. Capitu alega que está brincando. Bate no rosto de Bentinho, sorri e chama-o de medroso. Depois despede-se, queixando-se de que a dor de cabeça que sentia antes da chegada de Bentinho estava voltando. Acompanha Bentinho até o quintal para despedir-se dele.

O PRIMEIRO FILHO

Capitu questiona Bentinho diante do fato de ele ter que escolher entre ela e sua mãe, a quem ele escolheria?

— Pois sim, mas eu pergunto. Suponha você que está no seminário e recebe a notícia de que eu vou morrer...

— Não diga isso!

— ...Ou que me mato de saudades, se você não vier logo, e sua mãe não quiser que você venha, diga-me, você vem?

— Venho.

— Contra a ordem de sua mãe?

— Contra a ordem de mamãe.

²⁵ A metáfora da égua sugere que cada fantasia de Bentinho é capaz de multiplicar-se em outras fantasias.

²⁶ Móvel de madeira semelhante a um sofá.

²⁷ O emprego da repetição ternária denota a intenção do autor de intensificar a capacidade de Capitu de arquitetar idéias e planos, como ja se viu no capítulo 18: “Um plano”.



— Você deixa seminário, deixa sua mãe, deixa tudo, para me ver morrer?

— Não fale em morrer, Capitu!

Capitu teve um risinho descorado e incrédulo, e com a taquara escreveu uma palavra no chão, inclinei-me e li: mentiroso.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 60.

Capitu e Bentinho iniciam um diálogo marcado pela ironia da primeira:

— Padre é bom, não há dúvida, melhor que padre só cônego, por causa das meias roxas. O roxo é cor muito bonita. Pensando bem, é melhor cônego.

— Mas não se pode ser cônego sem ser primeiramente padre, disse-lhe eu mordendo os beiços.

— Bem; comece pelas meias pretas, depois virão as roxas. O que eu não quero perder é a sua missa nova; avise-me a tempo para fazer um vestido à moda, saia balão e babados grandes... Mas talvez nesse tempo a moda seja outra. A igreja há de ser grande, Carmo ou S. Francisco.

— Ou Candelária.

— Candelária também. Qualquer serve, contanto que eu ouça a missa nova. Hei de fazer um figurão. Muita gente há de perguntar: “Quem é aquela moça faceira que ali está com um vestido tão bonito?” “Aquela é dona Capitolina, uma moça que morou na Rua de Matacavalos...”

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 61.

Bentinho faz Capitu prometer que será ele o padre a celebrar o casamento dela, mas Capitu diz que será esperar muito tempo. Capitu promete que Bentinho batizará o seu primeiro filho.²⁸

ABANE A CABEÇA, LEITOR

Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar do livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia, não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras. Falou do primeiro filho, como se fosse a primeira boneca.²⁹

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 62.

Bentinho sente-se abalado por causa da ameaça de Capitu de um afastamento definitivo. Não acha palavra nem gesto, fica estúpido. “Capitu sorria; eu via o primeiro filho brincando no chão...”

Vale notar a preocupação de Bentinho com o primeiro filho de Capitu, que não seria dele, mas de outro, e os indícios do ciúme de Bentinho que cresce, sem parar, ao longo da narrativa.

AS PAZES

“As pazes fizeram-se como a guerra, depressa.” Capitu busca as negociações. Bentinho enlaça Capitu pela cintura, e esta pega-o na ponta dos dedos, mas dona Fortunata aparece à porta e volta imediatamente para dentro, sem dar tempo para que Bentinho retire o braço. Pedem-se perdão mutuamente, cada um querendo para si as culpas.³⁰

“A SENHORA SAIU”

Bentinho afirma que tudo acabara e pede que Capitu explique por que ela perguntou se ele tinha medo de apanhar. Capitu confessa que foi por ter ouvido que no seminário davam pancada, mas que não acreditava naquilo. Bentinho fica satisfeito com a resposta, mesmo sabendo que não é a mais completa verdade, ou seja, conforma-se com o fato de Capitu dizer meias verdades.

Neste capítulo, evidencia-se que, para Bentinho, às vezes é preferível a mentira ao desconforto que a verdade pode causar.

JURAMENTO DO POÇO

Bentinho faz Capitu jurar que só se casará com ele. Capitu jura três vezes. Bentinho faz o mesmo juramento. Os dois juram que só se casarão um com o outro. Bentinho aceita a idéia de que poderá ir para o seminário, mas não tomará ordens³¹.

UMA VELA AOS SÁBADOS

Bentinho promete a Capitu uma vida sossegada e bela, na roça ou fora da cidade. Uma vez por ano viriam à cidade. Seguem fazendo planos para o futuro e terminam com a promessa de acender uma vela aos sábados no oratório da casa em que viessem a morar depois de casados.

UM MEIO-TERMO

Meses depois, Bentinho vai para o seminário de S. José.

ENTRE LUSCO E FUSCO

Bentinho e Capitu refazem o juramento de que haviam de se casar um com o outro:

²⁸ O diálogo entre o casal é marcado por forte ironia, já que ambos sonham ficar juntos. Capitu não quer ver Bentinho padre, e este, tampouco, deseja casar a amada com outro. Devemos, entretanto, levar em conta o grau de desespero do narrador que parece ver aquela que é o objeto de seus desejos, distanciar-se porque ele não lutou com todas as suas forças para escapar da promessa da mãe.

²⁹ O capítulo é marcado pela digressão. O narrador emprega dois recursos narrativos que marcam a obra machadiana: a presença do leitor incluso e a metalinguagem.

³⁰ O comportamento de dona Fortunata parece afirmar que ela sabe e concorda com o namoro da filha com Bentinho.

³¹ Tomar ordens equivale a fazer as juras sacramentais, tornando-se padre.

[...] e não foi só o aperto de mão que selou o contrato, como no quintal, foi a conjunção das nossas bocas amorosas [...]

Oh! minha doce companheira da meninice, eu era puro, e puro fiquei, e puro entrei na aula de S. José, a buscar de aparência a investidura sacerdotal, e antes dela a vocação. Mas a vocação eras tu, a investidura eras tu.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 66.

O VELHO PÁDUA

Pádua vai à casa de Bentinho despedir-se dele. Abraça-o com ternura e deseja-lhe felicidade. No fim, pede uma lembrança. Bentinho dá-lhe o cacho dos cabelos que reservara para Capitu.

Tinha os olhos úmidos deveras; levava a cara dos desenganados, como quem empregou em um só bilhete todas as suas economias de esperanças, e vê sair branco o maldito número, — um número tão bonito!³²

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 67.

A CAMINHO!

Bentinho despede-se de todos. Cada um a seu modo sente a despedida com tristeza ou deseja sucesso ao futuro padre. José Dias insiste nas esperanças: pede a Bentinho que agüente um ano, pois até lá tudo estará arranjado.

PANEGÍRICO DE SANTA MÔNICA

Bento Santiago anuncia que não contará ao leitor sobre o seminário, mas que o fará algum dia. “Esta sarna de escrever, quando pega aos cinqüenta anos, não despega mais. Na mocidade é possível curar-se um homem dela [...]” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 68.) Recorda um colega de seminário que compunha versos à maneira de Junqueira Freire, mas que depois de ordenado não voltara mais a fazer versos. Um outro colega, ao contrário, não segue carreira religiosa, mas escreve um *Panegírico*³³ de Santa Mônica. Esse indivíduo havia deixado tudo, mas não se esquecera da obra que produziu. Ele pergunta ao narrador se ainda conserva o seu *Panegírico*. Como a resposta é negativa, antes de vinte e

quatro horas, já está em casa de Bento Santiago com um velho folheto de vinte e seis anos, encardido, manchado do tempo. É o penúltimo exemplar. Como vê o narrador folhear a obra, pergunta se Bento se lembra de algum pedaço e obriga-o a ler várias passagens.³⁴

UM SONETO

As folhas do panegírico fazem o narrador lembrar-se de um soneto que nunca terminou, cujo primeiro verso era: “Oh! flor do céu! oh! flor cândida e pura!” Não sabia como surgira o verso, mas a flor era Capitu. Por mais que insistisse, não conseguia encontrar os demais versos. Depois consegue compor o último verso do soneto: “Perde-se a vida, ganha-se a batalha!” Ainda tentou evocar alguns sonetos célebres, mas o segundo verso do soneto não surgia. Resolveu alterar o sentido do último que era “Perde-se a vida, ganha-se a batalha” para “Ganha-se a vida, perde-se a batalha!”³⁵, mas ainda assim nada conseguiu.

[...] Pois, senhores, nada me consola daquele soneto que não fiz. Mas, como eu creio que os sonetos existem feitos, como as odes e os dramas, e as demais obras de arte, por uma razão de ordem metafísica, dou esses dois versos ao primeiro desocupado que os quiser. [...]³⁶

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 71.



Ao longo do capítulo, Bento chega a sugerir que a flor poderia muito bem ser a virtude, a poesia, a religião, ou qualquer outra coisa em que coubesse a metáfora da flor. Prevalece, contudo, a analogia com Capitu.

UM SEMINARISTA

A leitura do opúsculo leva o narrador a lembrar-se de outros perfis de seminaristas. Entre os vários ex-colegas de que se recorda está Ezequiel de Sousa Escobar, mais velho que o narrador três anos. Escobar abre a alma a Bentinho, mas este tem receio de abrir-se com o amigo.

³² A passagem mostra a ironia do narrador em relação aos sentimentos do Pádua, que vê a partida de Bentinho para o seminário como a perda da sorte grande por não o ter casado com a filha, reiterando reflexões anteriores do narrador acerca dos interesses da família de Capitu.

³³ Pequeno discurso em louvor de alguém.

³⁴ O narrador introduz a lembrança dos dois colegas apenas para disfarçar o fato de que não deseja contar o seminário, mas acaba trazendo lembranças daquele momento passado. É bom lembrar que o capítulo inicia uma seqüência de sete outros interligados e cabe ao último retomar o assunto do panegírico.

³⁵ Este verso de encerramento do soneto abandonado por Bentinho pode ser visto como uma interpretação da própria história que está sendo escrita por Bento Santiago. Seria uma síntese precisa da vida do Dom Casmurro.

³⁶ É interessante notar que o autor, Machado de Assis, raramente procura elementos metafísicos em sua obra e não crê que uma obra de arte já nasça pronta.

[...] mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las, e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou, até que...³⁷

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 72.

DE PREPARAÇÃO

Bento Santiago recorda também sensações passadas, mas deixa a matéria para outro capítulo, utilizando esse, como está indicado no título, apenas como preparação³⁸.

E aqui verás tal ou qual esperteza minha; porquanto, ao ler o que há de ler, é provável que o aches menos cru do que esperavas.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 73.

O TRATADO

Bentinho voltava para o seminário, acompanhado de José Dias, quando viu cair na rua uma senhora. Seu primeiro gesto deveria ser de pena ou de riso, mas encanta-se em ver as pernas, as meias muito lavadas, as ligas de seda. José Dias que viu a mesma coisa, critica as brasileiras e sua mania de imitar as francesas. A imagem das meias e ligas entra na alma de Bentinho, que passa a projetar nas batinas a cena que presenciara. À noite sonha com imagens de mulheres com roupas de baixo. Tenta afugentar as cenas rezando, mas acaba ele mesmo forçando as recordações para temperar o caráter e fortalecer-se. “E por alguns dias, era eu mesmo que evocava as visões para fortalecer-me, e não as rejeitava, senão quando elas mesmo de cansadas, se iam embora.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 74.)

CONVIVAS DE BOA MEMÓRIA

O narrador fala de um autor antigo que dizia arrenegar³⁹ de conviva⁴⁰ que tem boa memória. Apesar de ter boa memória, não consegue lembrar o nome do autor. Confessa que tem memória fraca. Afirma que nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo pode ser colocado nos livros omissos. Ele mesmo quando lê um livro omissos costuma ser tomado de idéias finas, reflexões profundas e imagens belís-

simas. “É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas.”⁴¹ (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 75.)



Há dois aspectos interessantes aqui. O primeiro é que Bentinho tem memória fraca; portanto, as lembranças que narra podem ser falhas. O outro é que ele mesmo, que já se confessara dono de fecunda imaginação, admite que preenche os livros omissos com finas idéias. Pode ser que esteja fazendo o mesmo ao rememorar sua vida.

QUERIDO OPÚSCULO!

O narrador afirma que fez o que sugerira no capítulo anterior ao *Panegírico de Santa Mônica*, cuja falta de qualidade lembrava-lhe um par de chinelas velhas.

A VACA DE HOMERO

Bentinho sofre muito nos primeiros dias da separação. José Dias traz palavras de conforto da mãe e de tio Cosme. Bentinho pergunta sobre sua saída do seminário. José Dias afirma que serão necessários um ou dois anos para fazerem a viagem à Europa. Bentinho acha que é muito tempo. José Dias pede paciência, já que a vida no seminário é útil, porque vale sempre entrar no mundo unguido com os santos óleos da teologia⁴².

Neste ponto, — lembra-me como se fosse hoje, — os olhos de José Dias fulguraram tão intensamente que me encheram de espanto. [...] Podia compará-lo aqui à vaca de Homero; andava e gemia em volta da cria que acabava de parir.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 76.

Bentinho não quer saber de santos óleos, só quer sair daquele lugar o mais cedo possível. José Dias conta que tem um plano, mas é preciso paciência, muita docilidade e aparente satisfação. O agregado planeja juntar a falta de vocação com problemas pulmonares que exigissem mudança de ares. Bentinho pede notícias de Capitu.

³⁷ O emprego das reticências no final é um indício do que acontecerá, indicando ou a morte de Escobar ou o fato de Bentinho sentir-se traído por ele com a esposa. A falta de sinceridade por parte de Bentinho é um tópico interessante neste capítulo. O narrador nunca foi capaz de ser absolutamente sincero em suas relações. Também talvez se possa dizer que a falta de sinceridade de Bentinho se deve a seu temperamento inseguro e ciumento, que o impede de confiar totalmente nas pessoas ou, ainda, que o leva a desconfiar delas (exceção feita à sua mãe).


³⁸ O capítulo é também exemplo de metalinguagem e presença do leitor incluso.

³⁹ Abrir mão de; prescindir.

⁴⁰ Comensal, convidado habitual para comer junto.

⁴¹ O capítulo é um bom exemplo de metalinguagem.


⁴² Ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações com o homem e com o universo; ciência da religião, das coisas divinas; a doutrina da religião cristã.



O título do capítulo retoma uma passagem da *Ilíada*, de Homero, na qual Menelau procura proteger Pátroclo, que está ferido, andando em volta dele assim como a vaca faz com sua cria. O título é uma analogia com o comportamento de José Dias em torno de Bentinho.

UMA PONTA DE IAGO

José Dias afirma que Capitu “tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela [...]” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 78.) A notícia pega Bentinho de surpresa, empalidecendo-o. Não pode crer que sofre enquanto ela vive alegre. Bentinho sente ciúmes de Capitu, um sentimento que até então desconhece. Nunca pensara nos peraltas da vizinhança. “E a alegria de Capitu confirmava a suspeita; se ela vivia alegre é que já namorava a outro, acompanhá-lo-ia com os olhos na rua, falar-lhe-ia à janela, às ave-marias, trocariam flores e [...]” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 78.) Bentinho resolve ir sábado ver a mãe.



O capítulo revela uma intertextualidade com a peça *Otelo*, de Shakespeare, sobretudo na passagem em que a personagem Iago, intriguera e maliciosa, provoca os ciúmes do mouro Otelo em relação à própria esposa, Desdêmona. Como foi dito anteriormente, em várias outras passagens do livro haverá diálogo com a obra shakespeariana. Neste capítulo, o narrador refere-se pela primeira vez de forma explícita, ao tema central do livro, o ciúme. Embora afirme que esse sentimento lhe fosse desconhecido, já o havia sentido, com menor intensidade, quando Capitu lhe disse que, se virasse padre, haveria de batizar o primeiro filho dela. (Capítulo 44, “O primeiro filho”).

METADES DE UM SONHO

Bentinho é perseguido por sonhos. Num deles vê um dos peraltas da vizinhança a conversar com Capitu ao pé da janela. Bentinho corre ao lugar, mas ele foge. Capitu tem o pai ao pé, mirando um triste bilhete de loteria⁴³. O peralta foi levar-lhe a lista dos prêmios da loteria. Depois da saída do Pádua, Bentinho toma Capitu pelas mãos, resmunga algumas palavras cujo sentido não guarda e acorda sozinho no dormitório.

UMA IDÉIA E UM ESCRÚPULO

O narrador sente escrúpulo⁴⁴ de escrever uma idéia, mas termina por fazê-lo: “Donde concluo que um dos ofícios do homem é fechar e apertar muito os olhos, e ver se continua pela noite velha o sonho truncado da noite moça”.⁴⁵ (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 80.) Termina o capítulo dizendo que não pede os sonhos de Luciano⁴⁶, bastando-lhe um sono quieto e apagado.


A DISSIMULAÇÃO

Ao fim de cinco semanas de amizade, Bentinho quase conta a Escobar seus sofrimentos e esperanças.⁴⁷ Num dos sábados em que visita a mãe, conta a Capitu que Escobar é muito amigo seu e que tem vontade de contar sobre o amor dos dois. Capitu não acredita que Bentinho tenha o direito de contar um segredo que não é só dele mas também dela. Bentinho cala-se e obedece.

Capitu dissimula diante de toda a família de Bentinho, chegando a dizer que o rapaz haveria de casá-la quando fosse padre. Bentinho dá razão a Capitu de que devem enganar toda aquela gente.

INTIMIDADE

“Capitu ia agora entrando na alma de minha mãe. Viviam o mais do tempo juntas, falando de mim, a propósito do sol e da chuva, ou de nada; Capitu ia lá coser, às manhãs; alguma vez ficava para jantar.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 82.) Capitu serve de enfermeira para dona Glória quando esta fica doente de uma febre. Prima Justina, enciumada, não perdoa Capitu.



Capitu parece dar prosseguimento ao plano de livrar Bentinho do seminário a fim de se casar com ele. Dessa forma, ela se torna imprescindível para dona Glória, a ponto de despertar ciúmes na zelosa prima Justina. Sem dúvida, essa foi a maneira de conquistar a futura sogra encontrada pela esperta jovem para que fosse aceita sem restrições.

UM PECADO

Depois de cinco dias doente, dona Glória manda buscar Bentinho no seminário. José Dias vai buscá-lo. Bentinho vem preocupado durante todo o cami-

⁴³ O triste bilhete de loteria é o próprio Bentinho, conforme ele mesmo sugere no capítulo 52, “O velho Pádua”.

⁴⁴ Consciência dotada de sentido moral.

⁴⁵ A passagem faz uma referência aos sonhos da velhice e aos da mocidade.

⁴⁶ Luciano de Samósata (séc. II d. C.), escritor grego que renovou os gêneros literários e criou o diálogo satírico que, inclusive, serviu de influência a Machado de Assis nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

⁴⁷ Bentinho já trazia em si um indivíduo cheio de reservas, pois foi sempre incapaz de abrir-se totalmente com seus confidentes, guardando sempre para si mesmo uma parcela da verdade.

nho, mas não pôde evitar o pensamento de que a morte da mãe terminaria com o seminário. Arrependido, chora na rua mesmo. José Dias conta que o estado de dona Glória é gravíssimo, mas não é mal de morte.

Depois de ver a mãe, Bentinho entra no quarto e promete rezar dois mil padre-nossos, se Deus salvar a vida de sua mãe. Arrepende-se da promessa, porque sabe que suas promessas não têm valor, porque não as cumpre.



O sentimento de culpa de Bentinho por causa de seus maus pensamentos leva o rapaz às lágrimas, mas também sugere o drama moral entre o desejo de sair do seminário e casar-se com Capitu ou ser obrigado pela mãe a cumprir uma promessa antiga que não fora feita por ele. O conflito moral torna-se ainda mais acentuado porque Bentinho, que adora e admira a mãe, não quer decepcioná-la de forma alguma.

ADIEMOS A VIRTUDE

O narrador sabe que poucos teriam coragem de confessar o pensamento que teve sobre o estado da mãe. Resolve que revelará a própria essência, contando tudo, o bem e o mal.

A MISSA

No primeiro domingo depois que visita a mãe doente, Bentinho vai ouvir a missa em S. Antônio dos Pobres. Nem espera por José Dias, pois vai à missa para reconciliar-se com Deus e não apenas para pedir perdão. Deseja também agradecer o restabelecimento da mãe. Ouve a missa, mas não tem coragem de confessar-se por causa da timidez. “Como o homem muda! Hoje chego a publicá-lo.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 86.)

DEPOIS DA MISSA

Depois da missa, Bentinho encontra-se com Sancha, companheira de colégio de Capitu, e Gurgel, seu pai. Querem saber notícias de dona Glória. Bentinho segue com eles na mesma direção. Na porta de casa, Gurgel quer que Bentinho vá almoçar com ele, Bentinho agradece, mas alega que a mãe espera por ele. Aceita descansar alguns minutos. Gurgel quer saber a idade, os estudos e a fé de Bentinho. Dá conselhos para o caso de vir a ser padre.

VISITA DE ESCOBAR

Escobar vai visitar pela primeira vez o amigo e saber da saúde de dona Glória. Bentinho fica muito

feliz com a visita. Tio Cosme e José Dias gostam dele. Prima Justina acha-o um moço apreciável, mas acrescenta um “apesar”. José Dias questiona-a, mas ela não responde, porque provavelmente não viu defeito claro ou importante em Escobar.

Depois do jantar, despedem-se à porta. Depois, Capitu pergunta da janela que amigo é esse tamanho. Bentinho diz que é Escobar.

UMA REFORMA DRAMÁTICA

“Nem eu, nem tu, nem ela, nem qualquer outra pessoa desta história poderia responder mais, tão certo é que o destino, como todos os dramaturgos, não anuncia as peripécias nem o desfecho.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 88.) O narrador sugere reformar o gênero dramático e propõe que as peças comecem pelo fim.

Otelo⁴⁸ mataria a si e a Desdêmona no primeiro ato, os três seguintes seriam dados à ação lenta e decrescente de ciúme, e o último ficaria só com as cenas iniciais da ameaça dos turcos, as explicações de Otelo e Desdêmona, e o bom conselho do fino lago: ‘Mete dinheiro na bolsa’ [...].

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 88.

Assim, os espectadores ficariam com uma boa impressão de ternura e de amor.



O capítulo indica mais uma metalinguagem e mantém a intertextualidade com *Otelo*, de Shakespeare. Entretanto, há uma intenção do narrador que não deve passar despercebida. O narrador indica claramente que o destino, substituído aqui pelos dramaturgos, não anuncia os imprevistos e os acontecimentos finais. Sugere Bento Santiago o drama vivido por ele mesmo, que não seria possível de adivinhar quando ainda namorava com Capitu. Em vários momentos, o narrador utiliza analogias com a ópera e o teatro para a vida.

Vale também notar que, em *Otelo*, a mulher amada, Desdêmona, é inocente. É a personalidade ciumenta do mouro que o enlouquece depois que lago passa a fazer intrigas. Poder-se-ia conjecturar que em *Dom Casmurro*, Bentinho é, simultaneamente, Otelo e lago, já que é ele próprio quem tece, para si, as intrigas causadoras do ciúme que sente de Capitu.

O CONTRA-REGRA

O destino não é só dramaturgo, é também o seu próprio contra-regra, isto é, designa a entrada dos personagens em cena, dá-lhes as cartas e outros objetos, e executa dentro os sinais correspondentes ao diálogo, uma trovada, um carro, um tiro.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 89.

⁴⁸ Nota-se novamente a referência a *Otelo*, de Shakespeare, cuja intertextualidade é evidente em *Dom Casmurro*.

Enquanto Bentinho conversa com Capitu, passa um cavaleiro num belo alazão, como é costume na época. Vai à casa da namorada. O cavaleiro volta a cabeça para o lado de Capitu: olha para ela, e ela para ele. “Tal foi o segundo dente de ciúme que me mordeu.” Bentinho sai da rua à pressa, enfia-se pelo corredor e vai dar na sala de visitas.

O capítulo primeiro retoma a idéia da vida como um teatro dirigido aleatoriamente, para depois dialogar com José de Alencar e Álvares de Azevedo⁴⁹. No presente capítulo, vem, mais uma vez, à tona o ciúme de Bentinho. O narrador desconfia dos olhares entre Capitu e o cavaleiro e, conturbado, entra em casa.

A PRESILHA

José Dias e tio Cosme conversam na sala de visitas. Bentinho lembra-se da frase do agregado no seminário, que toma como uma alusão ao cavaleiro. Tem vontade de agarrar José Dias pela gola e perguntar se dissera a verdade ou fora apenas uma hipótese. Tio Cosme vai ver a doente. José Dias vai ter com Bentinho e pergunta o que aconteceu. Para não fitá-lo, Bentinho olha para baixo e vê uma das presilhas das calças do agregado desabotoada. Diante da insistência de José Dias, Bentinho responde apontando com o dedo para que olhe e abotoe a presilha. Quando José Dias se inclina, Bentinho sai correndo.

O DESESPERO

Bentinho escapa do agregado e da mãe. Vai para o quarto. Jura nunca mais ir ver Capitu e fazer-se padre. Ela pedirá perdão, mas ele não terá mais do que desprezo. Ouve da cama a voz de Capitu, que fora passar a tarde com dona Glória e com ele, mas não saiu do quarto. “A vontade que me dava era cravar-lhe as unhas no pescoço, enterrá-las bem, até ver-lhe sair a vida com o sangue [...]” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 91.)

A intensidade do ciúme de Bentinho merece destaque, assim como a forma trágica, dramática com que manifesta seu desejo de matar Capitu.

EXPLICAÇÃO

Bentinho não sai do quarto. Não janta e dorme mal. Na manhã seguinte, alega dor de cabeça para não ir ao seminário. Quer falar com Capitu, já que ela pode ter defesa e explicação.

Capitu acha uma injúria o que Bentinho pensou dela depois da troca de juramento. Ela chega a fazer um gesto de separação, mas Bentinho, de pronto, pega-lhe as mãos e beija-as. Capitu confessa não conhecer o rapaz. “Se olhara para ele, era prova exatamente de não haver nada entre ambos; se houvesse, era natural dissimular.” O rapaz vai casar com uma moça da rua dos Barbonos. Capitu promete não ir mais à janela, mas Bentinho afirma não lhe pedir isso.

Consentiu em retirar a promessa, mas fez outra, e foi que, à primeira suspeita da minha parte, tudo estaria dissolvido entre nós. Aceitei a ameaça, e jurei que nunca a haveria de cumprir: era a primeira suspeita e a última.⁵⁰

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 91.

PRAZER DAS DORES VELHAS

Contando aquela crise do meu amor adolescente, sinto uma cousa que não sei se explico bem, e é que as dores daquela quadra, a tal ponto se espiritualizaram com o tempo que chegam a diluir-se no prazer. Não é claro isto, mas nem tudo é claro na vida ou nos livros. A verdade é que sinto um gosto particular em referir tal aborrecimento, quando é certo que ele me lembra outros que não quisera lembrar por nada.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 92.

O capítulo todo é uma ironia: o narrador adulto sente que a crise de relacionamento do começo do namoro chega a ser prazerosa, se comparada com os fatos que ainda revelará aos leitores. A intenção do capítulo parece ser também a de instigar o leitor em sua curiosidade a respeito dos fatos que ainda advirão.

SEGREDO POR SEGREDO

Bentinho sente necessidade de contar a alguém o que se passa entre ele e Capitu. Conta uma parte do que se passa a Escobar, depois que este lhe conta sobre o propósito de não acabar o curso e sua paixão pelo comércio. Bentinho convida o amigo para visitá-lo sempre que quiser e insinua a conveniência de Escobar conhecer Capitu. Escobar elogia dona Glória, a quem acha adorável. Bentinho concorda.

VENHAMOS AO CAPÍTULO

Bentinho percebe que sua mãe só o colocara no seminário para cumprir a promessa. Caso contrário, ela teria feito de tudo para tê-lo junto dela. Depois da partida de Bentinho para o seminário, Capitu supre a falta do filho, fazendo-se indispensável para D. Glória.

⁴⁹ Faz uma referência paródica ao poema “Namoro a cavalo”, de Álvares de Azevedo.

⁵⁰ A promessa feita por Capitu (de que tudo estaria terminado entre eles, se Bentinho suspeitasse novamente dela) será cumprida como se verá mais tarde, já que ela não se defende das acusações de adultério feitas por ele e aceita a separação. Isso será, sem dúvida, uma prova força de Capitu e, talvez, de uma retidão moral diante da insegurança de Bentinho. O título do capítulo contém uma ambigüidade: tanto serve para a explicação do fato presente quanto do que ainda acontecerá.

Capitu passou a ser a flor da casa, o sol das manhãs, o frescor das tardes, a lua das noites; lá vivia horas e horas, ouvindo, falando e cantando. Minha mãe apalpava-lhe o coração, revolvía-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambas como a senha da vida futura.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 96.

UMA PALAVRA

Quando Bentinho visita a família no primeiro sábado, dona Glória sugere que vá ver Capitu, que está na rua dos Inválidos com Sancha. Capitu deveria ter voltado para acabar um trabalho com dona Glória, mas certamente Sancha pediu-lhe para dormir lá. Prima Justina opina que talvez Capitu estivesse namorando. Bentinho teve vontade de matá-la por causa desse comentário. No dia seguinte Bentinho corre para a casa de Sancha, na rua dos Inválidos, e é recebido por Gurgel, que está triste por causa da doença da filha. Capitu serve de enfermeira para Sancha.

O CANAPÉ

O narrador faz uma digressão para elogiar o canapé onde ele e Capitu se sentaram. Bentinho explica a Capitu que fora até lá por conselho da mãe. Capitu pergunta: “Conselho dela?” E acrescenta que serão felizes.

O RETRATO

Gurgel volta à sala, dizendo a Capitu que a filha chama por ela. Bentinho levanta-se depressa e mostra-se constrangido. Capitu, por outro lado, demonstra total autocontrole. “Como era possível que Capitu se governasse tão facilmente e eu não?” Quando ficam a sós, Gurgel comenta que Capitu está uma moça. Bentinho concorda. Gurgel quer saber de Bentinho se Capitu é parecida com a moça do retrato que está dependurado na parede da sala. Bentinho concorda antes de examinar o retrato, porque estava acostumado a concordar com a palavra de seus interlocutores caso o assunto o aborrecesse. Gurgel diz que é o retrato de sua mulher.

— Finalmente, até a amizade que ela tem a Sanchinha; a mãe não era mais amiga dela... Na vida há dessas semelhanças assim esquisitas.⁵¹

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 98.



De novo o narrador destaca a facilidade de Capitu para a dissimulação, que, à medida que o tempo passa, parece ser mais acentuada.

CHAMADO

Bentinho sai satisfeito com a visita, mas é chamado por um senhor grisalho que, chorando, comunica a morte do filho, Manduca. Convida Bentinho para entrar e ver o rapaz, que há poucos dias perguntara por ele. Este entra na loja de louça a contragosto, porque só pensa em Capitu.

Não culpo ao homem; para ele, a coisa mais importante do momento era o filho. Mas também não me culpem a mim; para mim, a coisa mais importante era Capitu. O mal foi que os dois casos se conjugassem na mesma tarde, e que a morte de um viesse meter o nariz na vida do outro.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 98.

O DEFUNTO

O narrador recorda a triste cena que encontrou na casa de Manduca. O morto sobre a cama, com sua idade indeterminada pela doença, “nada menos que a lepra”. O pai do rapaz pergunta se Bentinho faria o favor de ir ao enterro, mas ele alega que não sabe, fará o que a mãe quiser. Depois, atravessa a loja e salta à rua.

AMAI, RAPAZES!

Bentinho passou a pensar pensar na outra casa, na vida e na cara fresca e lépida de Capitu para esquecer o defunto. “Amai, rapazes! e, principalmente, amai moças lindas e graciosas; elas dão remédio ao mal, aroma ao infecto, trocam a morte pela vida... Amai, rapazes!” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 99.)

UM AMIGO POR UM DEFUNTO

A visita de Escobar no domingo, antes do meio-dia, tem força para suprimir a lembrança do defunto. Escobar desperta a simpatia geral da família de Bentinho, que mostra a horta ao amigo. Escobar mostra-se interessado pelos negócios de dona Glória. Os dois amigos falam do grande número de escravos e de casas de dona Glória. Esta e José Dias elogiam Escobar. Bentinho fala a Escobar dos elogios e o rapaz replica dizendo que acha dona Glória uma mulher distinta e muito moça, um “anjo dobrado”.

IDÉIAS ARITMÉTICAS

Escobar não apenas sabe elogiar, como também lida bem com números. Bentinho e o amigo fazem uma aposta. Escobar deve dizer em dois minutos a soma dos aluguéis das casas de dona Glória. Em meio minuto, ele responde que dá tudo 1:070\$000 men-

⁵¹ A passagem é mais um dos indícios apresentados pelo próprio narrador para sugerir a inocência de Capitu e manter a dúvida entre os leitores. A semelhança entre Capitu e a mãe de Sancha, sem nenhum grau de parentesco entre elas, pode também servir para atestar a semelhança entre Ezequiel e Escobar como uma coincidência.

sais. Escobar, com isso, quer provar ao amigo que as idéias aritméticas são mais simples e mais naturais. “A natureza é simples. A arte é atrapalhada.” Bentinho não pode deixar de abraçá-lo no meio do pátio, diante de outros seminaristas. Escobar observa que a modéstia não consente gestos excessivos. Depois fala da inveja e propõe viverem separados. Bentinho não concorda e sugere que fiquem mais amigos ainda.

Escobar apertou-me a mão às escondidas, com tal força que ainda me doem os dedos. É ilusão, decerto, se não é efeito das longas horas que tenho estado a escrever sem parar. Suspendamos a pena por alguns instantes...

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 107.

O PAPA

José Dias, a fim de não ficar para trás, dada a crescente amizade entre Bentinho e Escobar, tem uma idéia infalível para tirar Bentinho do seminário: José Dias e Bentinho iriam a Roma pedir ao Papa a dispensa do cumprimento da promessa de dona Glória.

UM SUBSTITUTO

Bentinho expõe a Capitu a idéia de José Dias. Capitu teme que ele a esqueça ao chegar à Europa. Bentinho jura que no fim de seis meses estará de volta. Depois de voltar ao seminário, conta tudo a Escobar, que o ouve com atenção e fica triste como Capitu, mas depois acende-lhe no rosto um clarão, um reflexo de idéia. Escobar sugere que dona Glória tome para si um mocinho órfão, o qual se ordenaria à custa dela no lugar de Bentinho. Assim, estaria dando um padre à igreja.

A SAÍDA

Dona Glória hesita um pouco antes de ceder. Padre Cabral consulta o bispo e autoriza a saída de Bentinho do seminário, o que se cumpre no fim do ano.

CINCO ANOS

Bentinho forma-se bacharel aos vinte e dois anos. Dona Glória envelhece. Tio Cosme passa a sofrer do coração. Prima Justina está mais idosa. José Dias também, mas isso não o impede de acompanhar Bentinho em sua graduação. A mãe de Capitu morre e seu pai aposenta-se. Escobar começa a negociar em café, “depois de haver trabalhado quatro anos em uma das primeiras casas do Rio de Janeiro”. Dona Glória adiantara-lhe algum dinheiro a pedido de Bentinho. A amizade entre os rapazes não esfria,

mantém-se principalmente por meio de cartas. Escobar casa-se com Sancha, amiga de Capitu, a quem Escobar costuma chamar “cunhadinha”.

O FILHO É A CARA DO PAI

Bentinho regressa de São Paulo bacharel. Dona Glória diz que está a cara do pai. Tio Cosme confirma, dizendo que tem alguma coisa, os olhos, a disposição do rosto. “É o pai, um pouco mais moderno, concluiu por chalaça”⁵². Todos em casa, para alegrar dona Glória, chamaram Bentinho de doutor.



Ao contrário de Bentinho, que se parece demais com seu pai, Ezequiel, seu filho em nada se parece com ele. O narrador antecipa aqui uma das razões pelas quais o ciúme que sentia de Capitu fez-se tormento e desconfiança.

“TU SERÁS FELIZ, BENTINHO”

Bentinho desfaz as malas, enquanto pensa na felicidade e na glória. Vê o casamento e a carreira ilustre. Uma fada invisível diz-lhe: “Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz.” José Dias pergunta: “E por que não seria feliz?” Bentinho pergunta se ele ouvira a voz. José Dias responde que Bentinho mesmo estava dizendo.

O narrador faz uma digressão para dizer que ainda agora é capaz de jurar que era a voz da fada. Sugere que a fada seja “prima das feiticeiras da Escócia: ‘Tu serás rei Macbeth!’”⁵³

Todos confirmam para Bentinho a voz da fada interior. Até mesmo D. Glória, quando Bentinho vai pedir licença para casar.



Em *Macbeth*, há uma conspiração de forças sobrenaturais contra o rei Macbeth e seu reino. É curioso notar também que o amor entre o rei e sua esposa, Lady Macbeth, é forte, mas vai se degenerando à medida que a ação dramática se desenvolve.

NO CÉU

Bentinho casa-se com Capitu em 1865, numa tarde chuvosa de março.

Quando chegamos ao alto da Tijuca, onde era o nosso ninho de noivos, o céu recolheu a chuva e acendeu as estrelas, não só as já conhecidas, mas ainda as que só serão descobertas daqui a muitos séculos.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 114.

⁵² Zombaria, gracejo.

⁵³ Intertextualidade com a peça *Macbeth*, de Shakespeare.

DE CASADA

Apesar de perderem a noção do tempo durante aquela semana, e de se divertirem, Bentinho acha Capitu impaciente para descer da Tijuca. Os dois conversam, e Bentinho percebe que a impaciência de Capitu é por causa dos sinais exteriores do novo estado. Quer ser vista com o marido. Bentinho acaba sentindo o mesmo.

A FELICIDADE TEM BOA ALMA

José Dias foi a única pessoa que os visitou na Tijuca. Os elogios do agregado fizeram Bentinho esquecer tudo, desde a tarde de 1858. “A felicidade tem boa alma.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 115.)

AS PIRÂMIDES

José Dias dividia-se agora entre mim e minha mãe, alternando os jantares da Glória com os almoços de Matacavalos. Tudo corria bem. Ao fim de dois anos de casado, salvo o desgosto grande de não ter um filho, tudo corria bem. Perdera meu sogro, é verdade, e o tio Cosme estava por pouco, mas a saúde de minha mãe era boa; a nossa excelente.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 116.

Escobar ajuda Bentinho em sua estréia profissional, fazendo um advogado célebre admiti-lo em sua banca. Aos domingos, Capitu e Bentinho jantam com Escobar e Sancha em Andaraí. Escobar e Sancha têm uma filha. Capitu pede um filho em suas orações. Bentinho também. “[...] Já não era como em criança; agora pagava antecipadamente, como os aluguéis da casa.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 116.)

OS BRAÇOS

Bentinho e Capitu divertem-se indo a espetáculos ou reuniões sociais. Quando não têm compromisso, ficam à janela de casa. Agora vivem na Glória. Capitu aprendeu a tocar piano. Ela gosta de dançar. Bentinho sente-se orgulhoso da beleza dos braços da esposa, mas acaba desaprovando que os mantenha à mostra depois de perceber, no segundo baile, o olhar dos homens. Capitu passa a mantê-los meio vestidos, para evitar o ciúme do marido.

DEZ LIBRAS ESTERLINAS

Capitu é uma mulher econômica. Em certa ocasião distrai-se, enquanto Bentinho lhe dá uma lição de astronomia. Ele fica sério. Ela alega que está contando para descobrir certa parcela que não acha. Ele a ajuda e pergunta que libras são aquelas. Capitu vai ao quarto e volta com dez libras, que são as sobras de

dinheiro das despesas: Escobar servira como correitor. Bentinho tem vontade de retribuir-lhe em dobro com algum presente.

CIÚMES DO MAR

O narrador conta que, se não fossem a lição de astronomia e seu ciúme do mar, não descobriria tão cedo as dez libras de Capitu.

A verdade é que fiquei mais amigo de Capitu... Escobar também se me fez mais pegado ao coração. As nossas visitas foram-se tornando mais próximas, e as nossas conversações mais íntimas.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 119.

UM FILHO

Bentinho não consegue esquecer a tristeza de não ter um filho. Ele e Capitu ficam cheios de inveja quando vão a Andaraí e vêem Capitzinha, a filha do casal amigo. O uso do diminutivo diferenciava-a de Capitu, “visto que lhe deram o mesmo nome à pia⁵⁴”. Finalmente, Capitu e Bentinho têm um menino. Ele quer dar o filho para Escobar batizar. A madrinha será dona Glória. Tio Cosme antecipa-se e manda o menino tomar-lhe a bênção e diz a Bentinho que não desiste desse favor. Por causa disso, Bentinho dá ao filho o nome de Ezequiel, primeiro nome de Escobar, para “suprir desse modo a falta de compadrio”.

UM FILHO ÚNICO

Cinco anos já se passaram desde o nascimento de Ezequiel, que se tornou um rapagão bonito, de olhos claros. Como é filho único, Bentinho e Capitu tiveram grandes sustos e chegaram a perder o sono por causa dele.

RASGOS DA INFÂNCIA

Ezequiel parece cumprir os desejos de Bentinho. “[...] adivinhavam-se nele todas as vocações possíveis, desde vadio até apóstolo.” Seu silêncio faz lembrar Capitu pequena. Gosta dos doces que Bentinho lhe traz, de música e de ver os soldados passarem. Um dia, na chácara de Escobar, Ezequiel mostra grande interesse por gato que brinca com um rato ainda vivo. Aborrecido, Bentinho bate palmas para que o gato fuja. Ezequiel reclama, porque queria ver o gato comer o rato.



Observe-se que Bentinho se espanta com a índole do filho, tão diferente da sua.

⁵⁴ Mesmo nome de batismo.

CONTADO DEPRESSA

Por ocasião do nascimento de Ezequiel, três cães latiram a noite toda e não deixaram ninguém dormir. Por isso, Bentinho resolveu envenená-los com bolas de carne. À sua chegada, dois cães fugiram, mas um deles aproximou-se com um riso especial e carinho. Bentinho perdeu a vontade de matá-lo.

Ao leitor pode parecer que foi o cheiro da carne que remeteu o cão ao silêncio. Não digo que não; eu cuido que ele não me quis atribuir perfídia ao gesto, e entregou-se-me. A conclusão é que se livrou.⁵⁵

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 124.

AS IMITAÇÕES DE EZEQUIEL

Ezequiel gosta de imitar os gestos, os modos e as atitudes das pessoas. Imita prima Justina, José Dias, “já lhe achei até um jeito dos pés de Escobar e dos olhos [...]”. Bentinho não acha justo mortificar o menino e prefere corrigi-lo no tempo apropriado. Capitu diz que não gosta de imitações em casa.

EMBARGOS DE TERCEIRO⁵⁶

Mesmo depois da chegada de Ezequiel, Bentinho ainda sente ciúmes de Capitu. Sente-se aflito ao menor gesto dela, à menor palavra ou qualquer indiferença. Chega “a ter ciúmes de tudo e de todos”. “Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela.” Vão ao teatro juntos. Só duas vezes foi sem ela. Bentinho foi sozinho a uma estréia de ópera, porque Capitu adoecera, mas quis que ele fosse mesmo assim. Bentinho voltou no fim do primeiro ato e encontrou Escobar à porta do corredor. Este disse que viera falar-lhe. Bentinho contou-lhe que Capitu queixava-se da cabeça e do estômago. Escobar disse que iria embora, já que viera só por causa do negócio dos embargos. Bentinho convidou-o para subir porque talvez Capitu tivesse melhorado. Capitu estava até boa. Bentinho desconfiou de que ela mentia quanto a estar melhor só para não lhe meter medo, pois falava sem alegria. Capitu jurou que era verdade. Escobar disse que ela estava tão doente quanto Bentinho e ele.

Ao contrário de outros acontecimentos narrados, Bentinho aparentemente não demonstra preocupação com o fato de encontrar Escobar na porta de sua casa justamente quando estivera fora, mas é claro que isso, somado ao comportamento sério de Capitu, começará a acentuar a desconfiança de que há algo entre o amigo e a esposa.

DÚVIDAS SOBRE DÚVIDAS

Bentinho disse a Escobar que os embargos não valiam nada. Bentinho percebeu que Escobar suspeitou de que ele desistisse dos embargos para fugir ao trabalho. Com a saída de Escobar, Bentinho dividiu com Capitu suas dúvidas, mas ela desfez qualquer suspeita, afirmando que Escobar estava impressionado com a demanda⁵⁷. Bentinho expôs uma outra dúvida, porque percebera que dona Glória estava mudada, agindo com frieza e mostrando-se arredia com Capitu. Esta disse que era coisa de sogra com ciúmes do filho. Bentinho alegou que a frieza da mãe também era com Ezequiel. Capitu alegou que a sogra poderia estar doente.

FILHO DO HOMEM

José Dias estranha a observação de Bentinho sobre dona Glória, pois ela sempre elogiara Capitu. José Dias pede para ver o menino e chama-o “filho do homem”, como vira na Bíblia, no livro do profeta Ezequiel. Capitu, aborrecida, quer saber que filho do homem é aquele. Afirma que não gosta dos modos da Bíblia, depois que José Dias pôe-se a explicar. José Dias concorda com ela, chama o menino de meu anjo e pede que o imite andando na rua. Capitu interrompe-o para dizer que já está tirando do menino aquele costume de imitar os outros. Bentinho também já não se agrada mais das imitações de Ezequiel, pois percebe que alguns gestos ficavam mais repetidos, “como o das mãos e pés de Escobar”. Ezequiel termina imitando José Dias. Todos riem, menos Capitu, que repreende o menino.

AMIGOS PRÓXIMOS

Escobar muda-se para o Flamengo. Os casais visitam-se com mais frequência. Ezequiel e Capituzinha passam dias no Flamengo ou na Glória. Sancha observa que as duas crianças já estão ficando parecidas. Bentinho explica que é porque Ezequiel imitava os gestos dos outros. Escobar concorda e insinua que as crianças que se frequentam acabam se parecendo umas com as outras. “[...] O certo é que eles se queriam muito, e podiam acabar casados, mas não acabaram casados.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 129.)

A MÃO DE SANCHA

Bentinho e Capitu vão jantar em casa de Escobar para tratar de um projeto em família, para os quatro. Sancha vigia a conversa entre Escobar e Bentinho.

⁵⁵ Mais uma vez o narrador parece demonstrar sua desconfiança de qualquer gesto de carinho, mesmo que venha de um simples animal. O final do capítulo é marcado pela ironia.

⁵⁶ Meio defensivo usado por quem intervém na ação de outrem por ter sofrido turbação ou esbulho na sua posse ou direito.

⁵⁷ Ação litigiosa em torno de uma disputa judicial.

Quando Escobar se retira, Sancha vem à janela e pergunta a Bentinho do que falavam. Bentinho diz que é sobre um projeto, mas não sabe do que se trata. Sancha pede segredo e conta que é uma viagem à Europa para dali a dois anos. Ela diz isso de costas, mas depois ergue a cabeça e olha para Bentinho com tanto prazer, que ele sente vontade de beijá-la na testa.

Escobar observa e vê que o mar está a desafiá-lo. Bentinho pergunta se entrará no mar no dia seguinte. Escobar afirma que tem entrado com mares maiores, que exigem nadar bem e ter pulmões e braços como os dele. Bentinho apalpa os braços do amigo como se fossem de Sancha. Chega a sentir inveja dos braços grossos e fortes de Escobar.⁵⁸

Na hora da despedida, Bentinho torna a falar com os olhos à dona da casa e a mão dela apertada muito a dele, demorando-se mais do que de costume.

Sinceramente, eu achava-me mal entre um amigo e a atração. A timidez pode ser que fosse outra causa daquela crise; não é só o céu que dá as nossas virtudes, a timidez também, não contando o acaso, mas o acaso é um mero acidente; a melhor origem delas é o céu. Entretanto, como a timidez vem do céu, que nos dá a compleição, a virtude, filha dela, é, genealogicamente, o mesmo sangue celestial. Assim refletiria se pudesse, mas a princípio vaguei à toa. Paixão não era nem insinuação. Capricho seria ou quê? Ao fim de vinte minutos era nada, inteiramente nada. O retrato de Escobar pareceu falar-me; vi-lhe a atitude franca e simples, sacudi a cabeça e fui deitar-me.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 131-132.



O comportamento de Bentinho é malicioso, uma vez que nenhum ato atribuído a Sancha realmente pode ser comprovado pelo narrador. Tudo não passa de suposição. É preciso lembrar também a imaginação extremamente fantasiosa de Bentinho: se não há nada conclusivo quanto ao comportamento de Sancha, pode não haver nada conclusivo a respeito de Capitu.

NÃO FAÇA ISSO, QUERIDA!

A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar da cavatina⁵⁹ de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo.⁶⁰

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 132.

OS AUTOS

Bentinho acorda livre dos pensamentos da noite anterior. Toma café e vai estudar uns autos. “Uma só

vez olhei para o retrato de Escobar de pé, sobrecasaca abotoada, a mão esquerda no dorso de uma cadeira, a direita metida ao peito, o olhar ao longe para esquerda do espectador. [...]” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 132.) A dedicatória do amigo no quadro espanta de todo as recordações da véspera. Bentinho volta aos autos.

A CATÁSTROFE

Bentinho tem seu trabalho interrompido pela chegada de um escravo da casa de Sancha, que vem chamá-lo e comunica: “sinhô nadando, sinhô morrendo”. Bentinho corre para o Flamengo, depois de deixar recado para Capitu. No caminho, imagina que Escobar se arriscou no mar um pouco mais mar adentro e morreu.

O ENTERRO

Bentinho só deixa a casa às onze horas para cuidar do enterro. Manda que Capitu e prima Justina façam companhia a Sancha. Bentinho quer que o enterro seja pomposo. Ele falará no cemitério. Por isso, vai para casa preparar um discurso a fim de evitar que a emoção impeça o improvisado. É um domingo do ano de 1871.

OLHOS DE RESSACA

Bentinho nota durante o velório que muitos homens e mulheres choram, menos Capitu, que ampara a viúva e parece vencer-se a si mesma. No meio da confusão:

Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas...

[...] Momento houve em que os olhos de Capitu fitaram o defunto, quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisesse tragar também o nadador da manhã.⁶¹

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 134.



O episódio servirá como mais um indício da suspeita do adultério: ironicamente, Escobar morre porque decide enfrentar o mar bravo, a ressaca dos mares.

O DISCURSO

José Dias convida Bentinho para fechar o caixão, que cumpre o pedido ao pegar numa das argolas. Sente vontade de atirar à rua o caixão, o defunto e tudo. No

⁵⁸ Há aqui apenas um comportamento comum entre amigos e atletas. Não se podendo atribuir ao gesto qualquer conotação homoerótica. Estranho é o fato de Bentinho desejar a mulher do melhor amigo.

⁵⁹ Tipo de ária musical.

⁶⁰ O capítulo é uma digressão irônica do narrador, que também utiliza o recurso do leitor incluso.

⁶¹ Mostram-se aqui as fortes impressões que os gestos de Capitu durante o velório deixam no narrador, que aproveita para retomar a ideia dos “olhos de ressaca” da esposa, olhos de cigana oblíqua e dissimulada.

cemitério, repete os gestos da casa. “O que isso me custou imagina.” Bentinho tira do bolso o papel e lê em partes, aos trambolhões, a voz parece entrar em vez de sair. No final, um jornalista pede licença para levar o manuscrito e imprimi-lo, mas Bentinho recusa o pedido.

UMA COMPARAÇÃO

“Príamo⁶² julga-se o mais infeliz dos homens, por beijar a mão daquele que lhe matou o filho. Homero é que relata isto, e é um bom autor, não obstante constá-lo em verso, mas há narrações exatas em verso, e até mau verso.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 135.) O narrador imagina o que não tiraria Homero de sua situação vivida por ele, Bentinho, ao louvar o homem que recebera os olhos de Capitu. Segundo ele, não faltam Homeros⁶³, pela causa apontada por Camões, mas porque os Príamos procuram a sombra e o silêncio⁶⁴.

CISMANDO

Antes de sair do cemitério, Bentinho rasga o discurso e atira os pedaços pela portinhola do carro. José Dias tenta impedi-lo. Bentinho pede a José Dias que vá buscar as senhoras no Flamengo, porque resolveu ir a pé para fazer uma visita. No caminho, compara os gestos de Sancha na véspera e o desespero daquele dia, e nota que são inconciliáveis. Chega a pensar que é o mesmo caso de Capitu, mas percebe que é sua antiga paixão que o ofusca e perturba-o como sempre.

O BARBEIRO

Perto de casa, Bentinho encontra um barbeiro que conhece de vista e gosta de tocar rabeca. O homem toca uma peça, quando Bentinho pára na calçada para ouvi-lo. O barbeiro, ao vê-lo, continua a tocar e perde dois fregueses.

Pobre barbeiro! perdeu duas barbas naquela noite, que eram o pão do dia seguinte, tudo para ser ouvido de um transeunte. Supõe agora que este, em vez de ir-se embora, como eu fui, ficava à porta a ouvi-lo e a namorar-lhe a mulher; então é que ele, todo arco, todo rabeca, tocaria desesperadamente. Divina arte!⁶⁵

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 136.

PUNHADO DE SUCESSOS

Bentinho convida Sancha para passar alguns dias com eles, mas ela recusa o convite. Ele comenta que deve ser muito penoso para ela a vista do mar todas as manhãs. Prima Justina afirma que passará. Capitu retira-se da sala, consertando o cabelo no espelho. Volta com os olhos vermelhos, alegando que mirou o filho dormindo e pensou na filhinha de Sancha e na aflição da viúva.⁶⁶

Bentinho sofre a morte do amigo. Põe-se a juntar as lembranças com que se presenteavam em dias de aniversário ou mesmo sem motivos.

A DONA SANCHA

Dona Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o houver lido até aqui, abandone o resto. [...] não respondo pelo mal que receber.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 138.

UM DIA...

Capitu quer saber o que faz Bentinho andar calado e aborrecido. Sugere uma viagem, uma série de bailes. Bentinho alega que seus negócios andam mal. Capitu sugere que vendam jóias ou objetos de valor e vão residir em algum beco. Nem mesmo a ternura das palavras de Capitu comovem Bentinho. Capitu acaba abrindo o piano e começa a tocar. Bentinho sai.

O narrador avisa que o capítulo deveria ser precedido de outro ocorrido duas semanas antes, dois meses depois da partida de Sancha, e resolve contá-lo por ser curto.

ANTERIOR AO ANTERIOR

Começava o ano de 1872.

— Você já reparou que Ezequiel tem nos olhos uma expressão esquisita? perguntou-me Capitu. Só vi duas pessoas assim, um amigo de papai e o defunto Escobar. Olha, Ezequiel; olha firme, assim vira para o lado de papai, não precisa revirar os olhos, assim, assim...

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 139.

Bentinho dá razão a Capitu, mas não lhe parecem esquisitos, porque “não haveria mais que meia dúzia de expressões no mundo, e muitas semelhanças se dariam naturalmente.”⁶⁷ (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 139.)

⁶² Personagem da *Ilíada*, de Homero, último rei de Tróia, que chorou ao ser obrigado a beijar a mão de Aquiles, assassino de seu filho Heitor.

⁶³ Intertextualidade com Camões, *Os Lusíadas*, canto V, estrofes 97-98.

⁶⁴ O narrador deixa claro que não existem mais Homeros porque os conflitos de hoje são dissimulados pelas máscaras sociais.

⁶⁵ Esse capítulo traduz, com a arte de mestre de Machado, o sofrimento do narrador e transfere essa dor para o próprio conceito da arte que nos parece movida pela paixão e pelo sofrimento do artista. O mesmo sentido encontrado nesse conceito é o que move o narrador para a escritura: a dor.

⁶⁶ Também nesse capítulo há mais um suposto indício do sofrimento de Capitu por causa da morte de Escobar. Entretanto, há também o fato de que ela possa ter dito a verdade.

⁶⁷ Essa opinião do narrador parece justamente defender Capitu, ao mostrar que a semelhança das expressões do filho com Escobar é mera coincidência. Entretanto, pouco depois mudará de opinião e passará a suspeitar do adultério.

O DEBUXO E O COLORIDO

Depois do episódio narrado no capítulo anterior, Bentinho nota que toda a fisionomia e não apenas os olhos de Ezequiel trazem de volta Escobar. “Escobar vinha assim surgindo da sepultura, do seminário e do Flamengo para se sentar comigo à mesa, receber-me na escada, beijar-me no gabinete de manhã, ou pedir-me à noite a bênção de costume.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 140.)

A presença de Ezequiel torna a vida de Bentinho sombria e parece separar ainda mais o casal. Capitu e Bentinho decidem colocar o menino num colégio interno, do qual ele volta nos finais de semana.

Ezequiel vivia agora mais fora de minha vista; mas a volta dele, ao fim das semanas, ou pelo descostume em que eu ficava, ou porque o tempo fosse andando e completando a semelhança, era a volta de Escobar mais vivo e ruidoso. Até a voz, dentro de pouco, já me parecia a mesma.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 140-141.

UMA IDÉIA

Numa sexta-feira, Bentinho pensa em suicídio. “A vida é tão bela que a mesma idéia da morte precisa de vir primeiro a ela, antes de se ver cumprida. Já me vás entendendo; lê agora outro capítulo.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 141.)

O DIA DE SÁBADO

Bentinho não consegue dormir por causa da idéia que teve. Na manhã seguinte, escreve algumas cartas e compra uma substância na farmácia. Vai à casa da mãe, onde passa uma hora em paz. “Cheguei a abrir mão do projeto. Que era preciso para viver? Nunca mais deixar aquela casa, ou prender aquela hora a mim mesmo.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 142.)

OTELO

Bentinho janta fora e vai ao teatro.

Representava-se justamente *Otelo*, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência⁶⁸. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço — um simples lenço! — e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou para acender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 142.

O último ato faz Bentinho pensar que Capitu deveria morrer, não ele:

E era inocente — vinha eu dizendo rua baixo —; que faria o público, se ela deveras fosse culpada, tão culpada como Capitu? [...] era preciso sangue e fogo, um fogo intenso e vasto, que a consumisse de todo, e a reduzisse a pó, e o pó seria lançado ao vento, como eterna extinção [...]

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 142.

A XÍCARA DE CAFÉ

Em casa, Bentinho planeja esperar pelo café e dissolver nele a droga. Lembra-se de Catão⁶⁹, que antes de se matar deitou-se para ler um livro de Platão. Resolve imitá-lo. Deita-se no canapé e pega um livro de Plutarco, para incutir em si mesmo a coragem necessária. Resolve esperar Capitu e o filho saírem para a missa para dar seguimento ao plano. Ouve a voz de Ezequiel no corredor. O menino entra e corre para ele, chamando-o de papai. Recua e dá as costas para a estante.

SEGUNDO IMPULSO

O primeiro ímpeto de Bentinho é correr para o café e bebê-lo, mas outro impulso o conduz a perguntar ao menino se já tomou café. Manda Ezequiel tomar outra xícara, meia xícara só. Ezequiel chega a abrir a boca. Bentinho pensa em entornar a xícara pela goela abaixo, se o sabor do café frio repugnar o menino. Acaba colocando a xícara sobre a mesa e passa a beijar a cabeça do menino, que o chamou de papai. Bentinho responde que não é seu pai.

CAPITU QUE ENTRA

“Quando levantei a cabeça, dei com a figura de Capitu diante de mim.” Depois de um período de silêncio, Capitu manda o filho ir embora e pede explicações a Bentinho. Este alega que nada há para explicar. Capitu não entende as lágrimas dele e de Ezequiel. Bentinho pergunta se ela não ouvira o que ele disse ao menino. “Capitu respondeu que ouvira o choro e o rumor das palavras.” Bentinho repete as palavras, mas sem mencionar o episódio do café. Capitu pede-lhe que diga tudo. Bentinho afirma que há coisas que não se dizem. Ela insiste para que ele conte o resto, para que possa defender-se ou pediria desde aquele momento a separação, pois não agüenta mais.

— A separação é coisa decidida, redargüi pegando-lhe na proposta. Era melhor que a fizéssemos por meias palavras ou em silêncio; cada um iria com a sua ferida. Uma vez, porém, que a senhora insiste, aqui vai o que lhe posso dizer, e é tudo.

⁶⁸ A coincidência aludida pelo narrador está no fato de a peça de Shakespeare tratar exatamente do tema do ciúme. Sem dúvida, o narrador projeta em Otelo e Desdêmona o drama vivido entre ele e Capitu e, mesmo sabendo da inocência da esposa do Mouro, vibra com sua morte, porque enxerga na personagem a figura da própria mulher.

⁶⁹ Célebre romano, homem de costumes austeros.

Não disse tudo; mal pude aludir aos amores de Escobar sem proferir-lhe o nome. Capitu não pôde deixar de rir, de um riso que eu sinto não poder transcrever aqui; depois, em um tom juntamente irônico e melancólico:

— Pois até os defuntos! Nem os mortos escapam aos seus ciúmes!

[...] Capitu olhou para mim com desdém e murmurou:

— Sei a razão disto; é a casualidade da semelhança... A vontade de Deus explicará tudo... Ri-se? É natural; apesar do seminário, não acredita em Deus; eu creio... Mas não falemos nisto; não nos fica bem dizer mais nada.⁷⁰

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 145.

A FOTOGRAFIA

A entrada de Ezequiel obriga Capitu e Bentinho a olharem involuntariamente para a fotografia de Escobar e depois um para o outro. “Destá vez a confusão dela fez-se confissão pura. [...] De boca, porém, não confessou nada; repetiu as últimas palavras, puxou do filho e saíram para a missa.”⁷¹ (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 146.)

VOLTA DA IGREJA

Bentinho pensa que o natural seria beber o café, mas perdera o gosto da morte. Encontrara uma solução melhor.

Depois de voltar da igreja, Capitu diz a Bentinho: “Confiei a Deus todas as minhas amarguras, ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou às suas ordens.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 146.) Bentinho responde que pensará e farão o que ele pensar, mas tudo já estava pensado e decidido.

A SOLUÇÃO

Bentinho viaja com Capitu e Ezequiel para a Europa, mas não vão a passeio. Param na Suíça. Levam junto uma professora do Rio Grande do Sul, que fica em companhia de Capitu para ensinar a língua materna a Ezequiel. Bentinho volta ao Brasil. Capitu escreve cartas, respondidas com brevidade e sequidão por Bentinho. “As dela eram submissas, sem ódio, acaso afetuosas, e para o fim saudosas; pedia-me que a fosse ver.” Um ano depois, Bentinho embarca, mas não vai ao encontro da mulher e do filho. Na volta, inventa notícias da mulher para os que perguntam.⁷²

UMA SANTA

José Dias nunca viajou com Bentinho, porque faz companhia a dona Glória, que envelheceu depressa,

e a tio Cosme. O agregado também envelheceu, mas ainda está forte. Na última vez nem foi a bordo, despediu-se dizendo que não podia e que não sabia se Bentinho o veria novamente. Dona Glória morre primeiro. Bentinho manda escrever em sua sepultura apenas “Uma santa”, sem outra indicação.

O ÚLTIMO SUPERLATIVO

Depois da morte de dona Glória, José Dias vai morar com Bentinho. Corresponde-se com Capitu, a quem pede um retrato de Ezequiel. Capitu adia a resposta, até que ele não pede mais, quer apenas que ela fale ao menino sobre ele. “Preparava os cuidados da terceira geração, mas a morte veio antes de Ezequiel.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 148.) Morre sereno, depois de uma curta agonia. Pouco antes pede que abram a janela, pois estava um céu azul e claro. Morre murmurando “lindíssimo”.

UMA PERGUNTA TARDIA

O narrador explica por que deixou demolirem a casa velha onde morou com a mãe e construiu outra à semelhança da primeira. Não conseguia reconhecer-se mais naquele lugar. O narrador ironiza ao dizer que foi a casa que o desconheceu:

No quintal a aroeira e a pitangueira, o poço, a caçamba velha e o lavadouro, nada sabiam de mim. A casuarina era a mesma que eu deixara ao fundo, mas o tronco, em vez de reto, como outrora, tinha agora um ar de ponto de interrogação; naturalmente pasmava o intruso.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 149.

O REGRESSO

Um dia, já na casa nova, Bentinho recebe um cartão: é de Ezequiel, que o aguardava na porta. Bentinho faz Ezequiel esperar uns dez minutos. Depois pensa que deve correr e abraçá-lo, falar-lhe da mãe. Só então conta que Capitu está morta e enterrada na Suíça⁷³. Quando encontra o filho, vê que é seu “antigo e jovem companheiro do seminário de S. José, um pouco mais baixo, menos cheio de corpo, e salvo as cores, que eram vivas, o mesmo rosto do meu amigo. [...] Era o próprio, o exato, o verdadeiro Escobar. [...] era o filho de seu pai.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 150.)

Bentinho domina a emoção. Ezequiel, durante o almoço, recorda o dia em que o pai o levava para o colégio. Conta sobre os estudos de arqueologia. Bentinho não leva o filho para ver prima Justina, com

⁷⁰ O final do capítulo mostra a dignidade de Capitu diante das acusações de Bentinho. Não diz nada para defender-se, apenas alude à semelhança do filho como uma coincidência: também nada confessa.

⁷¹ Para manter a ambigüidade, o narrador introduz uma interpretação sua de um gesto dele e de Capitu como uma confissão da última.

⁷² Bentinho demonstra em sua atitude ser incapaz de assumir a responsabilidade por sua decisão e, ao mesmo tempo, a sua necessidade de manter as aparências do casamento para a opinião pública.

⁷³ O narrador nada informa até aqui sobre a morte de Capitu e parece fazê-lo mais por descuido do que por interesse.

medo que esta queira vê-lo apenas para verificar no moço a semelhança com Escobar. Prima Justina morre dias depois.

Bentinho e Ezequiel estiveram juntos durante seis meses. Ezequiel fala de uma viagem científica à Grécia, ao Egito e à Palestina, que combinara com dois colegas. Bentinho promete o dinheiro, mas deseja, no fundo, que o rapaz pegue a lepra.

Quando esta idéia me atravessou o cérebro, senti-me tão cruel e perverso que peguei no rapaz, e quis apertá-lo ao coração, mas recuei; encarei-o depois, como se faz a um filho de verdade; os olhos que ele me deitou foram ternos e agradecidos.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 151.

NÃO HOUVE LEPROSA

Ezequiel morre de uma febre tifóide e é enterrado nas imediações de Jerusalém.

A EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

O narrador conta que, apesar da alma lacerada, vive o melhor que pode, sem que lhe faltem amigas que o consolem da primeira. Mas não lhes dedica o afeto ou o amor que dedicou a Capitu. Elas partem depois de grandes despedidas e não voltam mais.

É BEM, E O RESTO?

Nenhuma das mulheres que conheceu fez o narrador esquecer a primeira amada.

Talvez porque nenhuma tinha olhos de ressaca, nem os de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este propriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas eu creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, há de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca.⁷⁴

É bem, qualquer que seja a solução, uma coisa fica, e é a suma das sumas, ou o resto dos restos, que a minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremosos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me... A terra lhes seja leve.⁷⁵

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 152.

4. ESTRUTURA DA OBRA

Dom Casmurro é dividido em 148 capítulos de dimensões diversas, a maioria curtos (técnica já utili-

zada em *Memórias póstumas de Brás Cubas*) que constituem três partes. Os dois primeiros capítulos formariam um preâmbulo, nos quais o narrador explica os motivos que o levaram a escrever o livro. As três partes manteriam uma inter-relação que constitui a totalidade do romance. A primeira parte abrange a infância e uma parte da adolescência de Bento Santiago. A segunda mostra o seminário, os ciúmes que Bento sente de Capitu, o desejo de ver a mãe morta, a saída do seminário, a formatura, o casamento de Escobar e Sancha. A terceira parte centraliza-se no relacionamento entre Bentinho e Capitu (a partir do capítulo 101) até a morte de Ezequiel. Acrescente-se que os dois últimos capítulos funcionam como uma explicação final ou epílogo.

A) Ação: O enredo da obra não é dinâmico: a narrativa é digressiva, ou seja, interrompida todo o tempo por fugas da linearidade para acrescentar pensamentos ou lembranças fragmentadas do narrador. A narrativa fragmentária resulta das memórias também imprecisas do narrador.

B) Foco narrativo: O romance é narrado em primeira pessoa, por Bento Santiago, que escreve a história de sua vida. Dessa forma, o romance funciona como a pseudobiografia de um homem já envelhecido que parece preencher sua solidão atual com a recordação de um passado que nunca se distancia verdadeiramente, porque foi marcado pelo seu sofrimento pessoal.

C) Tempo: O tempo é cronológico. A primeira referência é o ano de 1857, momento em que José Dias sugere a dona Glória a necessidade de apressar a ida de Bentinho para o seminário. Em 1858, Bentinho vai para o seminário. Em 1865, Bentinho e Capitu casam-se. Em 1872, Bentinho e Capitu separam-se. Aliás, se observarmos melhor essas datas, veremos que entre a ida de Bentinho para o seminário e o casamento decorrem sete anos, entre este último e a separação mais sete anos. Se tomarmos em conta essa “suposta coincidência”, podemos perceber que cada período forma um ciclo completo: ascensão, plenitude e declínio ou morte do sentimento amoroso.

D) Espaço: Quase toda a ação narrativa tem a cidade do Rio de Janeiro como cenário: o narrador faz-nos acompanhar sua trajetória por bairros e ruas, desde o Engenho Novo, onde escreve sua obra, até a Rua de Matacavalos, onde passou sua infância e conheceu Capitu. É interessante lembrar que as duas casas se amarram novamente num círculo perfeito, já que a

⁷⁴ Essa dúvida do narrador é tema recorrente na obra machadiana desde “Conto de Escola”: “o menino é o pai do homem”. Trata-se da idéia de que já encontramos na infância o que será o homem adulto: um está dentro do outro.

⁷⁵ A ironia final do capítulo deixa clara a visão do narrador de que não conseguiu perdoar a suposta traição sofrida, o que nos mostra que a pseudobiografia de Bentinho é uma tentativa de provar o adultério de Capitu, e não uma narrativa catártica, para aliviar sua dor e purgar seus sentimentos ainda vívidos.

do Engenho Novo foi construída à semelhança da casa de Matacavalos. A tentativa do narrador de atar as duas pontas da vida parece funcionar não apenas na ligação entre o presente e o passado, mas também na própria estrutura da obra, como vimos na introdução desta parte.

E) Personagens:

1. Bento Santiago ou **Bentinho**. É o narrador (e pseudo-autor) da obra. Na velhice (tempo da enunciação) é um homem fechado, solitário e triste. As lembranças de um passado doloroso (tempo do enunciado) tornaram-no um indivíduo de poucos amigos. Desde menino, fora sempre mimado pela mãe, pelo tio Cosme, por prima Justina e pelo agregado José Dias. Isso o tornou um indivíduo inseguro e dependente, incapaz de tomar decisões por conta própria e resolver seus próprios problemas. Tal insegurança foi, sem dúvida, geradora dos ciúmes e da suspeita de adultério que estragaram sua vida.

2. Capitolina ou **Capitu**. Ao contrário de Bentinho, é muito segura de si. Capitu é forte e determinada, sempre procurando atingir seus objetivos, como acontece em relação à conquista de Bentinho e à saída deste do seminário. Tem olhos de “cigana oblíqua e dissimulada”, como constatou José Dias. Segundo Bentinho, tem “olhos de ressaca”, fortes como as ondas do mar que parecem tragar para dentro de si as pessoas. Sua capacidade para dissimular também contrasta com a aparente ingenuidade de Bentinho. Praticamente, forçou o primeiro beijo do casal. Depois, venceu as resistências da família de Bentinho, aproximou-se de dona Glória quando o namorado foi para o seminário, tornando-se indispensável. Talvez tenha sido essa mesma força e segurança que a impediram de defender-se quando acusada de adultério.

3. José Dias. É agregado na casa de dona Glória desde os tempos do marido. Indivíduo que tem mania de usar superlativos. Veste-se à moda antiga: calças brancas engomadas e com presilhas, além de colete e gravata de mola. Tem mais de cinquenta anos. Depois de muito tempo em casa de dona Glória, passa a fazer parte da família, sendo ouvido pela velha senhora. Não apenas cuida de Bentinho, como o protege de forma paternal (ou maternal, como prefere o narrador).

4. Dona Glória. Mãe de Bentinho, fica viúva muito cedo e cria o filho com a ajuda de José Dias, tio Cosme e prima Justina. Mulher determinada e de fibra, administra com eficiência os bens deixados pelo marido. Muito amada e admirada por Bentinho.

5. Tio Cosme. Advogado, viúvo, irmão de dona Glória.

6. Prima Justina. Também viúva, não costuma gostar de ninguém, já que compara todos com o fale-

cido marido. Segundo tio Cosme, quando este último era vivo, viviam brigando. É também fofoqueira.

7. Escobar. Ezequiel Escobar foi colega de Bentinho no seminário e também não tinha vocação para o sacerdócio. Melhor amigo de Bentinho. Gosta de matemática e do comércio. Quando sai do seminário, consegue dinheiro emprestado com dona Glória para começar seu próprio negócio. Casa-se com Sancha, melhor amiga de Capitu. Morre afogado depois de enfrentar a ressaca do mar.

Os olhos de Escobar, claros como já disse, eram dulcíssimos; assim os definiu José Dias [...]. A cara rapada mostrava uma pele alva e lisa. A testa é que era um pouso baixa, vindo a risca do cabelo quase em cima da sobrancelha esquerda — mas tinha sempre a altura necessária para não afrontar as outras feições, nem diminuir a graça delas. Realmente, era interessante de rosto, a boca fina e chocarreira, o nariz curvo e delgado.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 87.

8. Sancha. Filha de Gurgel e mulher de Escobar. Melhor amiga de Capitu.

9. Ezequiel. Filho de Capitu e Bentinho, embora Bentinho acredite que seja filho de Escobar, com quem o menino se parece demasiadamente. Quando pequeno, imitava as pessoas. Estuda antropologia e morre de febre tifóide perto de Jerusalém.

5. ESTILO DE ÉPOCA E ESTILO INDIVIDUAL

O Realismo é o estilo literário dominante na segunda metade do séc. XIX. Marcado por uma forte oposição às idealizações românticas, busca dissecar a sociedade burguesa, cujos defeitos e vicissitudes foram o objeto principal dessa estética. Para atingir seu objetivo, procurou valorizar a análise minuciosa da sociedade hipócrita e dissimulada, mais preocupada com a aparência do que com os próprios princípios morais ou humanos. Tal análise dos defeitos sociais levou a um psicologismo profundo com o fim de descortinar o elemento humano oculto por trás das máscaras sociais. Essa preocupação central é comum aos autores realistas, desde *Madame Bovary* (1857), de Flaubert, obra inaugural do estilo.

Assim, as obras realistas destacam temas como o adultério, os interesses econômicos, a ambição desmedida, a dissimulação, a vaidade etc.

Todavia, Machado de Assis superou a própria estética realista (na qual tradicionalmente está inserido) ao empregar recursos narrativos que não são típicos dos demais autores de sua época, antecipando mesmo certos aspectos de modernidade. É o caso do

emprego do microcapítulo e de recursos que antecipam certas técnicas cinematográficas⁷⁶.

Machado foi o mais fino analista da alma humana, mergulhando densamente na psicologia de suas personagens para decifrar-lhes os enigmas da alma, seus sofrimentos, pensamentos, e retirando desse mundo íntimo um retrato humano e social até hoje insuperável.

Seu estilo não é linear, como o dos demais realistas, mas digressivo, paródico e metalingüístico. Em *Dom Casmurro*, por exemplo, o narrador não se limita a (re)contar sua história; parece conduzir o leitor por caminhos tortuosos através da memória e do pensamento ao entremostrear seu passado. Não satisfeito, parece adiar os fatos na tentativa de explicar a própria obra (metalinguagem), justificando-se perante o leitor incluso ou ironizando-o.

Estão presentes em sua obra diversos aforismos⁷⁷, como “a mentira é dessas criadas que se dão pressa em responder às visitas que ‘a senhora saiu’, quando a senhora não quer falar a ninguém”. (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 63). “Toda hora é apropriada ao óbito; morre-se muito bem às seis ou sete horas da tarde.” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 99.)

6. PROBLEMÁTICA E PRINCIPAIS TEMAS

Dom Casmurro instiga o leitor à permanente reflexão, induzindo-os a um trabalho sério de levantamento da arquitetura, dos jogos especulares presentes na obra, das intenções do narrador a cada momento.

De modo geral, pode-se destacar que o tema principal do romance é o ciúme, gerado a partir da dúvida do narrador, despertada pela suspeita do adultério. Mais do que o ciúme, que o tempo é capaz de esfriar, o que atormenta o narrador é a dúvida atroz quanto ao adultério, que o obriga a escrever essa espécie de livro de memórias para justificar-se diante de si mesmo e, talvez, da sociedade. Entretanto, ao expor a história de sua vida, o narrador não se desnuda das máscaras sociais como o faz com as demais pessoas. Procura convencer o leitor a acreditar na sua versão dos fatos, ainda que tente também persuadi-lo do contrário. De fato, o narrador parece querer persuadir a si mesmo. Mas, se não consegue plenamente conven-

cer-se da veracidade do adultério, terá conseguido convencer os leitores? Poderia Capitu ser culpada, apesar da ausência de provas cabais de sua traição? A culpa de Capitu significa para Bentinho a absolvição de todos os seus erros. Por isso, a versão dos fatos que cercam a vida do narrador com Capitu é tendenciosa, por mais sincero que nos pareça esse narrador envelhecido pela ação contínua do tempo e pela solidão. O tempo poderia servir como elemento distanciador das dolorosas emoções do narrador ou como fator de diluição das certezas dos acontecimentos. Todavia, Bentinho não consegue abandonar seus sentimentos, nem perdoar à mulher e ao amigo, como se pode comprovar no final do último capítulo: “[...] que minha primeira amiga e o meu maior amigo, tão extremos ambos e tão queridos também, quis o destino que acabassem juntando-se e enganando-me [...] A terra lhes seja leve!” (ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 152). Entretanto, a ação do tempo parece nula no primeiro caso, porque as feridas continuam abertas e a dor ainda incomoda o narrador. Por outro lado, consegue tornar duvidosas as situações mencionadas pelo narrador, cuja memória não é tão confiável assim, como fica claro em alguns momentos da narrativa⁷⁸.

A força dramática de *Dom Casmurro* está em evitar, como não é habitual na literatura realista, a consumação do adultério em si e em armar uma teia de possibilidades que instilam no leitor a suspeita do adultério.

Dom Casmurro resulta de uma tentativa do narrador de recompor o passado, como se percebe em suas palavras: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência”. O que leva Bento Santiago a essa *busca do tempo perdido* é, indiscutivelmente, a necessidade de expurgar o sentimento doloroso da dúvida em torno da traição. Com isso, procura uma reconstrução, um aprofundamento por meio da análise de si mesmo. Pretende descobrir-se através do passado e revelar, primeiro para si, depois para o leitor, a culpabilidade de Capitu. Mas, como ele mesmo coloca para o leitor, tudo foi em vão: “Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui”. O passado é matéria não transponível ao presente. Resta a Bentinho apenas a consciência da velhice e da solidão:

Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas faltou eu mesmo, e

⁷⁶ O uso de microcapítulos e *flashes*, ao estilo das técnicas cinematográficas, que sequer existiam, além do estilo inovador freqüente da metalinguagem, atestam o caráter vanguardista de Machado de Assis.

⁷⁷ Máxima ou sentença que, em poucas palavras, explicita regra ou princípio de alcance moral; apotegma, ditado.

⁷⁸ Não só a memória não é confiável, como também o caráter fantasioso, ciumento e, por vezes, submisso do narrador torna dúbias suas colocações.

esta lacuna é tudo. O que aqui está, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não agüenta tinta. Uma certidão que me desse vinte anos de idade poderia enganar os estranhos, como todos os documentos falsos, mas não a mim.

ASSIS, Machado de. *Op. cit.* p. 12.

Os dois primeiros capítulos são, sem dúvida, os mais explicativos dos motivos que conduziram Bentinho à realização do livro. Mas, afinal, o que teria levado Bentinho à situação de indivíduo ensimesmado, fechado, solitário, teimoso, um casmurro? A primeira parte de *Dom Casmurro* mostra para o leitor a construção lenta de um homem triste e solitário. Para analisar o homem, deve-se aproveitar a máxima machadiana de que “o menino é o pai do homem”, surgida num de seus contos, intitulado *Conto de Escola*, como foi mencionado em nota de rodapé.

Pode-se pensar numa seqüência decisiva de eventos: primeiro foi a perda do pai, cujo modelo ele não teve presente para seguir; depois, a proteção materna e familiar, que terminou por tornar Bentinho inseguro quando obrigado a tomar qualquer decisão. Bentinho é frágil, ao contrário de sua mãe ou mesmo de Capitu. Dona Glória, José Dias e a prima Justina fizeram dele um menino acostumado com que lhe fizessem todas as vontades. Assim, tornou-se aparentemente incapaz de aceitar a independência das pessoas que o cercavam. Qualquer transgressão em seu sentimento de posse parecia-lhe uma traição. Capitu era independente, tinha vontade própria. Não costumava tomar conselhos do marido antes de qualquer atitude. O mesmo ocorria com Escobar, que não dependia mais do dinheiro de dona Glória, mãe de Bentinho, pois realizara-se profissionalmente. Capitu sempre soube exatamente o que queria: casar-se com o garoto rico da vizinhança, ou seja, Bentinho. Ao contrário de Bentinho, conseguia facilmente dissimular situações embaraçosas, como as duas primeiras vezes em que se beijaram. Em ambas ela tomara a atitude inicial e também soubera sair-se bem diante da mãe, e depois, do pai.

Na verdade, essa força de Capitu só fazia ressaltar a fraqueza de Bentinho, que não sabia o que esperar das atitudes da mulher, a qual seguia seus próprios passos e princípios. Isso gerava a incerteza em Bentinho e fazia nascer a suspeita. Se o quisesse, Capitu realmente teria traído Bentinho, sem que ele sequer suspeitasse (se é que não o fez): ela sabia dissimular como ninguém e manter-se em seu pedestal. Bentinho estava consciente disso: daí crescia a dúvida que o amarguraria para sempre. A dor da suspeita de adultério e a morte, primeiro dos familiares, depois da mulher e do filho, tornaram o narrador um indivíduo sem amigos, que vivia apenas em seu mundo particu-

lar, isolado das demais pessoas.

Destruir a incerteza que o acompanhava desde há muito parecia uma questão crucial, mas o narrador termina sua obra sem atingir o objetivo original. Apesar de ser um bom advogado em causa própria e cujos argumentos racionais parecem persuadir uma parte dos leitores, Bentinho não só não prova para si mesmo o adultério de Capitu — nem o contrário, sua fidelidade —, como não consegue esquecê-la. Ao retomar o passado, retoma também a forte lembrança do amor e, claro, de seu ciúme doentio. A única saída de Bentinho é voltar ao seu projeto inicial de escrever a *História dos Subúrbios*.

6. BIBLIOGRAFIA

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 11. ed. São Paulo: Ática, 1981.

Atividades

Leia com atenção o fragmento para responder às questões de 1 a 3:

A vida é uma ópera e uma grande ópera. [...] Deus é o poeta. A música é de Satanás, jovem maestro de muito futuro, que aprendeu no conservatório do céu. Rival de Miguel, Rafael e Gabriel, não tolerava a precedência que eles tinham na distribuição dos prêmios. Pode ser também que a música em demais doce e mística daqueles outros discípulos fosse aborrecível a seu gênio essencialmente trágico. Tramou uma rebelião que foi descoberta a tempo, e ele expulso do conservatório. Tudo se teria passado sem mais nada, se Deus não houvesse escrito um libreto de ópera, do qual abrira mão, por entender que tal gênero de recreio era impróprio da sua eternidade. Satanás levou o manuscrito consigo para o inferno. Com o fim de mostrar que valia mais do que os outros, e acaso para reconciliar-se com o céu, — compôs a partitura, e logo que acabou foi levá-la ao Padre Eterno. [...] Deus permitiu que a obra fosse encenada, mas fora do céu. Criou um teatro especial, este planeta, e inventou uma companhia inteira, com todas as partes, primárias e comprimárias, coros e bailarinos.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*, capítulo IX.

- 1 Quem criou e contou ao narrador essa teoria?
- 2 Por que teria o narrador inserido em sua história essa teoria do velho italiano?
- 3 Que traço peculiar a Machado de Assis pode ser visto nesse fragmento?

Leia o texto seguinte:

Que é demasiada metafísica para um só tenor, não há dúvida; mas a perda da voz explica tudo, e há filósofos que são, em resumo, tenores desempregados.

Eu, leitor amigo, aceito a teoria do meu velho Marcolini, não só pela verossimilhança, que é muita vez toda a verdade, mas porque a minha vida se casa bem à definição. Can- tei um DUO terníssimo, depois um TRIO, depois um QUATUOR... mas não adiantemos; vamos à primeira tarde, em que eu vim a saber que já cantava, porque a denúncia de José Dias, meu caro leitor, foi dada principalmente a mim. A mim é que ele me denunciou.

Machado de Assis. *Dom Casmurro*, capítulo X.

- 4 Qual o foco narrativo empregado e quem é o narrador?
- 5 O narrador fala em **duo**, **trio**, **quatuor**. Quais são as pessoas implícitas nessas expressões?
- 6 Que figura foi utilizada no final do texto?
- 7 Justifique o título da obra *Dom Casmurro*. Cite o epi- sódio que explica o apelido dado ao narrador.

Respostas

1. A teoria foi criada e contada a Bentinho pelo velho tenor italiano Marcolini.
2. Porque, como ele dissera no capítulo anterior, considera que a sua vida foi semelhante a uma ópera, ou a um drama, tendo sido o início de tudo aquela denúncia de José Dias numa tar- de de 1857. Como ele mesmo disse: “Verdadeiramente foi o

princípio da minha vida, tudo o que sucedera antes foi como o pintar e vestir das pessoas que tinham de entrar em cena, o acender das luzes, o preparar das rabecas, a sinfonia... Agora é que eu ia começar a minha ópera.” O capítulo é inserido com a intenção de sugerir ao leitor o adultério da esposa de Bentinho, Capitu, com o melhor amigo do narrador, Escobar.

3. São traços peculiares de Machado de Assis a irreverência, a ironia, a metalinguagem e a intertextualidade. A retomada de outros textos (no caso, o *Velho Testamento*) com tratamento irônico, revela um procedimento chamado paródia.
4. O foco narrativo de *Dom Casmurro* apresenta-se em primeira pessoa. Trata-se do narrador-personagem Bentinho (Bento Alves).
5. No **duo**, ele se refere a Capitu e seu relacionamento amoroso com ela; no **trio**, está se referindo ao amigo Escobar que, na sua opinião, teria sido amante de sua esposa, gerando um triângulo amoroso que gerou o **quatuor**: Ezequiel, filho de Capitu, o qual o narrador não aceita como filho seu.
6. No último período do texto fica evidente o emprego de pleo- nismo, figura de repetição, de ênfase: “A **mim** é que ele **me** denunciou.”
7. Casmurro faz pensar em uma pessoa fechada, ranzinza, iso- lada do mundo, como é o narrador Bento Santiago. O apeli- do de **Dom Casmurro** foi dado a Bentinho em razão de seu isolamento e de certo ar de superioridade. O episódio que explica o apelido está inserido no primeiro capítulo da obra. Bento volta de trem para casa e encontra um rapaz da vizi- nhança. O moço quer mostrar-lhe uns versos que havia feito, mas Bento dorme durante a leitura, aborrecendo o jovem, que, para vingar-se, coloca-lhe o apelido de **Casmurro**.